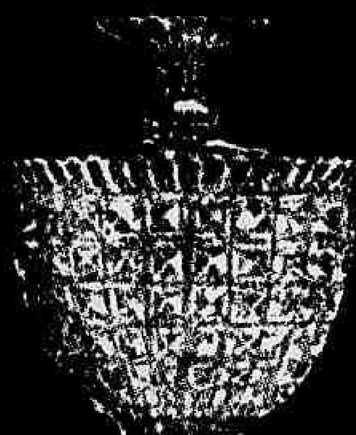
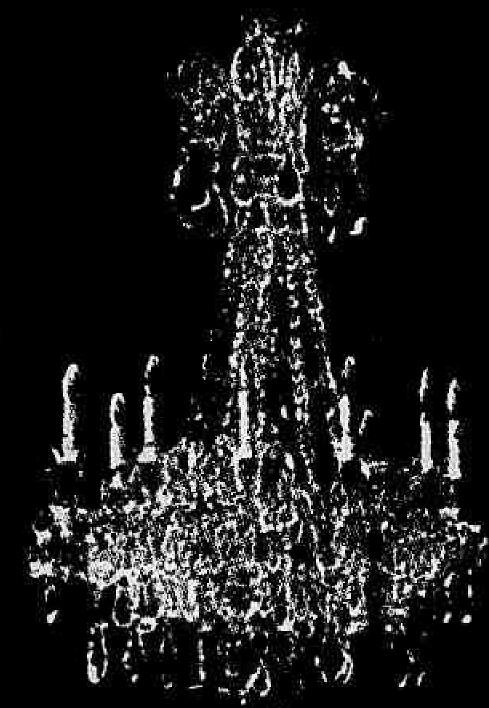
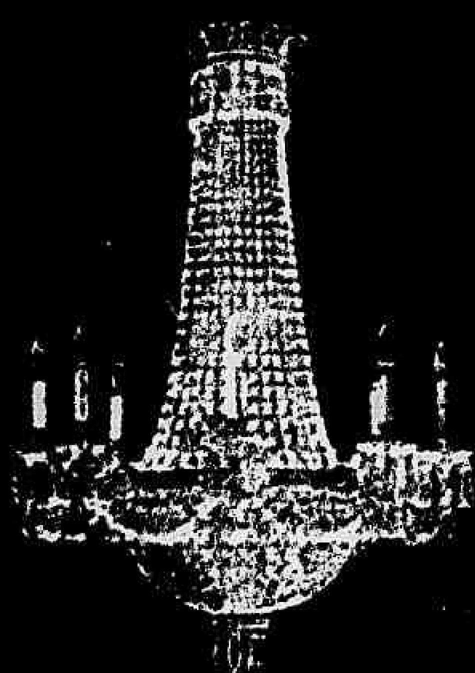

REVISTA
DA SEMANA
NO TEXTO:
O JULGAMENTO
DE OLGA SUELY
SERENATA A
NOEL ROSA

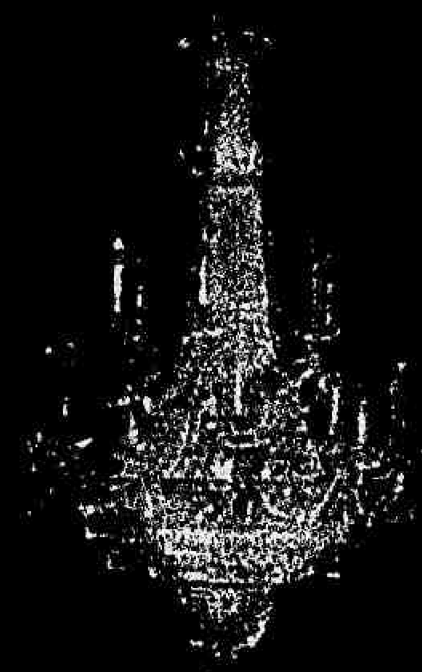
A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.

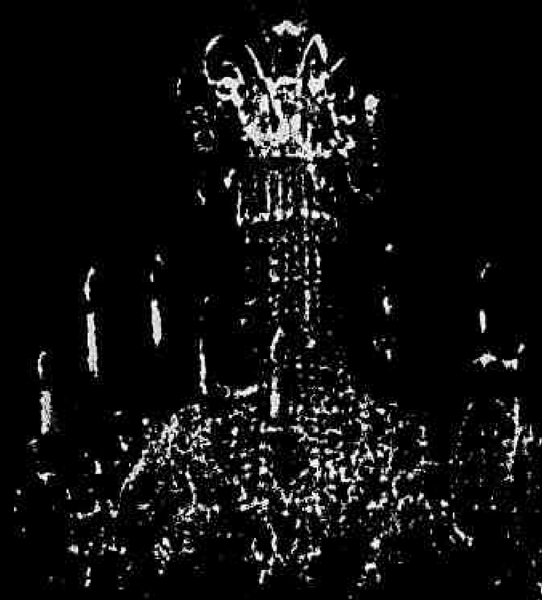




Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.





ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA





LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

Nesta página o Sr. Dean Acheson e sua espôsa, Sra. Alice Acheson, que, em virtude das muitas gentilezas recebidas, prestou ao Brasil significativa homenagem pintando um quadro do Outeiro da Glória.



SEGUE



O BRASIL RECEBE ACHESON



Desembarca o Sr. Dean Acheson no Rio de Janeiro. Era noite e uma série de precauções foi tomada contra possíveis manifestações de desagrado por parte de algum elemento extremista. As medidas preventivas tornaram muito formal a chegada do ilustre visitante. E a noite, em si, já era fria, bem fria.

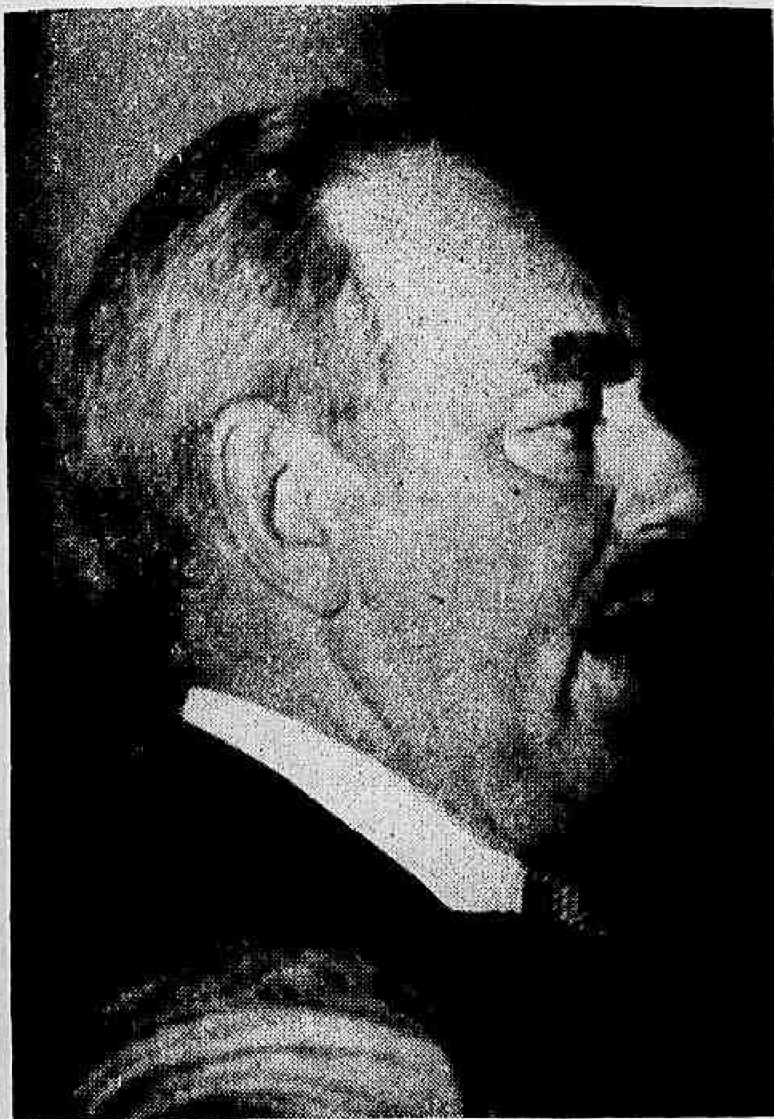
UM AMERICANO À INGLÊSA ★ CONTATOS E HOMENAGENS ★ NO RIO E EM SÃO PAULO

APÓS uma "good-will mission" pelo velho continente, onde teve oportunidade de auscultar as agudas palpitações do mundo contemporâneo junto às chancelarias do Reino Unido da Grã-Bretanha e da França, o Sr. Dean Acheson realizou a sua primeira visita semi-oficial ao Brasil, aceitando um convite que lhe havia sido feito pelo nosso Govêrno. Ainda no aeroporto de S. José, na Austria, ao despedir-se do "premier" Figl e antes de tomar assento no "The Independence", assim se expressou aludindo à sua iminente visita ao Brasil: "Vou agora, visitar um dos maiores e mais valorosos vizinhos dos Estados Unidos e amigo dos Aliados — o Brasil".

Viajando pelo avião de serviço pessoal do presidente Truman, o Sr. Dean Acheson e Senhora se fizeram acompanhar dos Srs. Edward Muller, secretário-assistente de Estado para os negócios interamericanos, Radolph Killer e Coronel Francis. O ilustre homem público norte-americano, deixando Dacar, alcançou a cidade brasileira de Recife, onde foi alvo de expressiva manifestação por parte do povo, do Govêrno do Sr. Agamenon Magalhães e das autoridades civis e militares. No Palácio das Princesas, de Pernambuco, por ocasião do almôço, externou o Sr. Acheson a sua imensa satisfação naquele seu primeiro contato com a Nação Brasileira.

Eram 22,10 horas quando o "Independence" pousou no aeroporto internacional do Galeão, no Rio. À recepção afluíram as figuras mais conspícuas e representativas da República: Ministro das Relações Exteriores, Sr. João Neves da Fontoura; Embaixador dos Estados Unidos, Sr. Herschel V. Jonhson; Secretário-geral do Itamarati, Embaixador Pimentel Brandão; chefe do cerimonial, Ministro Boulitreau Fragoso e altos funcionários do Ministério das Relações Exteriores. No salão de recepção do aeroporto do Galeão, além de outras autoridades, membros da comissão diplomática e da colônia norte-americana, o aguardavam o chefe da Casa Militar da Presidência da República, Sr. General Caiado de Castro, como representante do Sr. Presidente Getúlio Vargas; os Ministros: da Justiça, Embaixador Francisco Negrão de Lima; da Guerra, Sr. General Ciro do Espírito Santo Cardoso; da Fazenda, Sr. Horácio Láfer; da Marinha, Sr. Almirante Renato Guilhobel; da Viação, Sr. Sousa Lima; da Agricultura, Sr. João Cleofas; Prefeito do Distrito Federal, Sr. João Carlos Vital; chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, Sr. General Góis Monteiro; presidente do Banco do Brasil, Sr. Ricardo Jaffet; presidente da ABI, Sr. Herbert Moses. O Sr. Walter Moreira Sales, Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, integrou a comissão e tomou parte na comitiva do Sr. Dean Acheson.

A visita do plenipotênciário da grande Democracia do setentrião americano significa um estreitamento mais profundo nas relações de amizade que sempre vinculou as duas maiores nações do continente americano. E para o Brasil foi mais uma posição adquirida na sua já marcante posição internacional. Dean Acheson, pela sua distinção no cenário mundial, é um dos construtores da atual ordem ocidental. Seu elevado senso político e sua habilidade diplomática no tratar as mais intrincadas questões deram-no êsse pôsto avançado no comando da comunidade ocidental atlântica. Sua visita representa, ainda, o aprêço em que sempre a pátria da Liberdade teve para com o Brasil. E as demonstrações oficiais e particulares deram cabal demonstração desta cordialidade histórica que, há três séculos e meio, une as duas pátrias.







O Sr. Dean Acheson, Secretário de Estado da América do Norte, não é um temperamento aberto às expansões. Alguém aqui disse que é indiferente sem ser ridículo. E' certo. Tem a simplicidade norte-americana e a discreção inglêsa. Aí estão três atitudes do homem: discursando, falando ao microfone e atento para alguém que fala. Êstes flagrantes definem a personalidade realmente marcante do estadista norte-americano.



Mesmo falando ao Chefe da nação brasileira o Sr. Dean Acheson conservou um ar discreto. Apondo sua assinatura num papel, para alguém que lhe pediu autógrafo, o fêz com um gesto distinto mas sempre sóbrio.

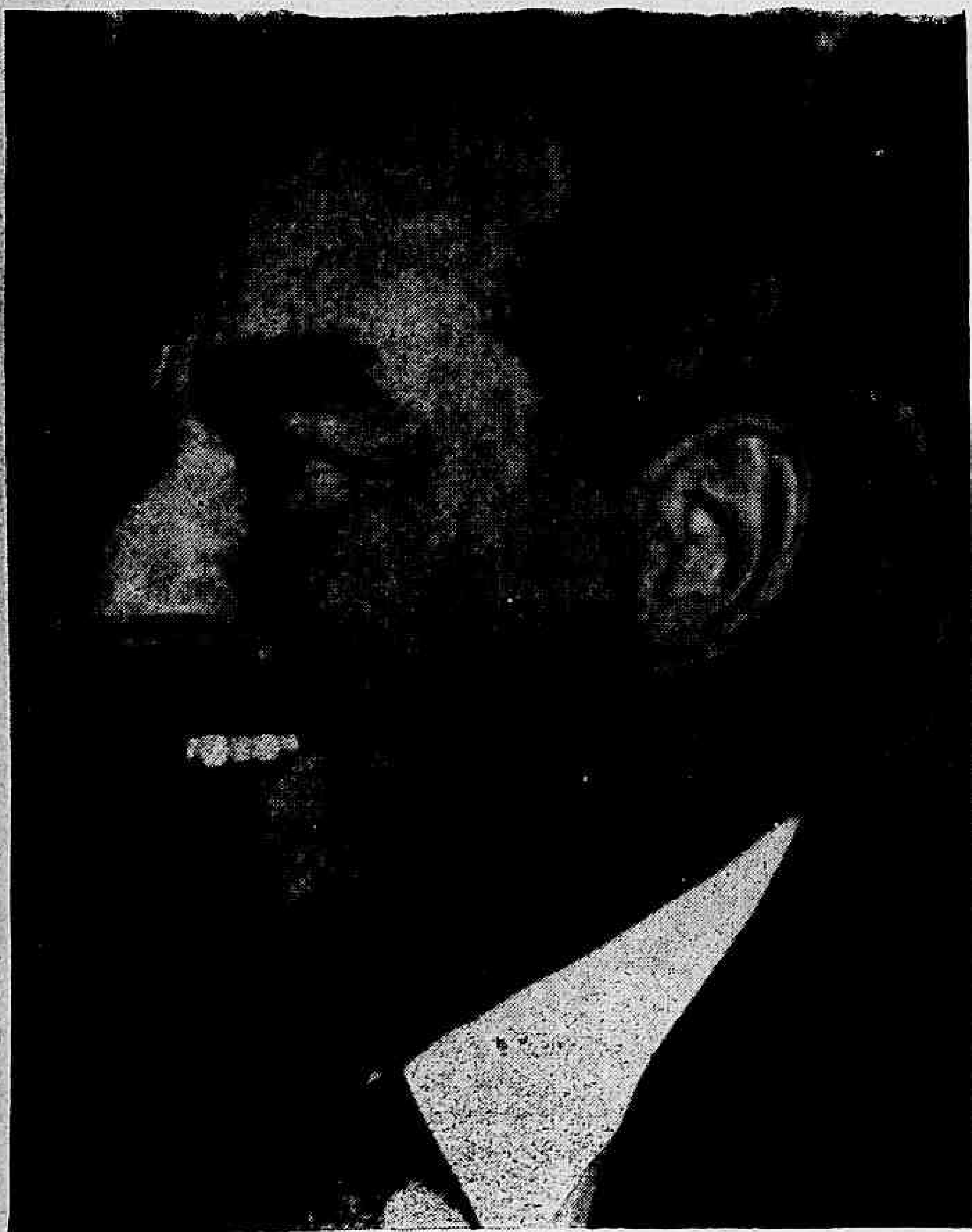


O BRASIL RECEBE ACHESON

GUSTAVO DE LACERDA
FUNDOU A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA
EM 7 DE ABRIL DE 1908

FORA ACHESON
GO HOME!

Não fôra o gesto de revolta do Sr. Herbert Moses, proclamando o fato para todo o país, pouca gente teria notícia do que elementos, possivelmente sem educação, fizeram em uma das colunas do edifício da Associação Brasileira da Imprensa, no Rio. Pilhéria de mau-gôsto merecia, apenas, um pouco de sabão ou gasolina antes ou depois da visita do Sr. Dean Acheson à casa do jornalista. Estão aí, para que os leitores as vejam, as "frases célebres".



No ágape do Palácio Itamarati o Ministro João Neves da Fontoura pronunciou um importante discurso no qual desassombradamente, advogou a causa econômica do Brasil e de tôda a América Latina. Em resposta o Sr. Dean Acheson fêz a valiosa afirmação de que a sua Pátria estava disposta a ajudar o já auspicioso progresso industrial do Brasil, acrescentando que, desde Volta Redonda até aos últimos investimentos propostos pela Comissão Mista, já o seu País dispendera 410 milhões de dólares investidos no desenvolvimento econômico brasileiro. A par dos discursos evocando trechos indeléveis da vida diplomática das duas pátrias, é de se esperar que um dos efeitos da recente visita do Sr. Dean Acheson seja, de fato, a aplicação imediata do famoso Ponto IV. Fontes ligadas ao Govêrno argentino classificaram o discurso do Sr. João Neves de "uma estocada certeira" instando os Estados Unidos a conceder o auxílio financeiro à América do Sul.

Em São Paulo, o Sr. Dean Acheson foi recebido oficialmente pelo Governador Lucas Garcez. Também ali, na Manchester Brasileira, o Secretário de Estado norte-americano pôde aquilatar o surto de ingente progresso que está reservado, num futuro próximo, para a grande nação brasileira. Depois desta demonstração de cordialidade e boa-vontade do Govêrno de Washington, só nos resta aguardar maior compreensão entre as duas guardiãs da civilização democrática nos dois hemisférios da América. De São Paulo regressou o Sr. Dean Acheson à sua Pátria, levando consigo a lembrança da nossa cortesia que une para sempre os destinos brasileiro e norte-americano para as escaladas íngremes do futuro.

Foi um esfôrço em pura perda o nosso a procura duma boa risada do Sr. Acheson. Em seus discursos, sim, êle se expandiu em referências carinhosas ao Brasil. Aqui fica um leve sorriso, realmente simpático. Foi o que conseguimos.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 29 ★ 19-7-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Brasil recebe Acheson (por Leonel C. Ferreira) 3/6
O bisbilhoteiro do mar 11/13
Os jogos infantis (por Levy Kleiman) 15/19
Bodas de prata 27/30
Serenata a Noel Rosa (por Milton Salles) 31/34
Outra vez 4x3 ..... 54/58

LITERATURA

Carta a Nelley (por Góes Filho) 7
A Gargalhada do Destino (Paula Lopes) 26
A Botija (Maria José da Silva) 38
Semana Literária (por Edmundo Lys) 52/53

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Santos Dumont) 9
Lido... Ouvido... Visto (por Jim) 20/21
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (por Renato Cartaxo) 43
A Revista há 50 anos 47

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Filho, meu Filho 44/45

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (por Michel Davet) 22

FEMININAS

Muito frio 35
Inverno 36/37
Conversa de mulher (por Isolete) 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 50
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) 51

CARICATURA

Este mundo e o outro (Darcy) 14



NA CAPA:

Piper Laurie (Foto Universal-International)

CARTA À NELLEY



Li, Nelley, a decisão da Justiça do Rio negando autorização para você trabalhar, como bailarina, numa "Boite" e num Teatro de Revistas; talvez essa decisão lhe tenha trazido contrariedades; na sua idade — dezessete anos — deve ser, sem qualquer dúvida, bastante tentador, sentir-se você alvo das palmas enganadoras do mundo; sobretudo, quando êsses aplausos, tão fàcilmente conquistados, com a vivacidade do seu espírito e a graça dos seus bailados, lhe facilitavam os meios de subsistência; teríamos, assim, no caso, uma intromissão, absurda, da Justiça, criando óbices à revelação da sua carreira artística e — pior do que isso — desencorajando-a, no elogiável propósito, tão precocemente manifestado, em você, de ganhar a vida com o seu próprio esfôrço; pois eu, daqui, lhe confesso, Nelley — há muito não leio uma notícia que me satisfaça tanto! Deu-me, como outras de igual magnitude me dariam, uma inebriante sensação de bem-estar, um — como direi? — impulso de revigoramento, na confiança que todos devemos ter nas reservas morais do nosso país; dêste grande Brasil que tanto tem relegado, à plano secundário, precisamente, o que ainda nos resta de muito nobre, muito puro e muito bom... Daí, todo o alto significado e imenso valor daquela oportuna e magnífica decisão; no entanto, bonita e inteligente, como deve ser, certamente o acórdão teve, para você, o sabor amargo de um contratempo, retardando, um pouco, essa antecipação do seu sucesso na vida; contudo — reflita bem — por mais sadios e aprimorados que sejam os seus princípios educativos e morais, há, ainda, latente, em você, "um pouco de menina", como diria o poeta, merecedor de salvaguarda e amparo; pois foi, precisamente, êsse quase-nada de criança, impregnado de ingenuidade e ainda muita inexperiência à sua esplêndida juventude, que a lei, com grande sabedoria e zêlo, procurou amparar; sabem muito bem os doutos magistrados, ao lhe tolherem os passos graciosos, nos tablados iluminados dos palcos e das "boites", que, por detrás dos aplausos que o mundo, certamente, lhe daria, se esconde muito anseio vil e muita podridão... Os seus olhos, menina Nelley, magnetizados pelo brilho rutilante das platéias, são, ainda, jovens, de mais, para penetrar e compreender o reverso tenebroso e recôndito da vida... Além disso, na sua idade, a existência deve correr, despreocupada e feliz, sem pressa de chegar; fique certa de que todo êxito, seja de que natureza fôr, surge, sempre, como uma decorrência do senso de oportunidade com que foi tentado; fora de tempo é que ninguém realiza nada de duradouro e definitivo. A vida, em si mesma, é um manancial inesgotável, para comprovação dessa assertiva. Quer um exemplo? Vá ao jardim, Nelley, e observe se há, por acaso, qualquer sinal de impaciência ou precipitação no desabrochar das flores; e, no entanto, sem que ninguém lhes perturbe o ritmo vivificador, com que milagre de floração elas nascem e crescem para o mundo, enchendo-o de Beleza, de Côr e de Perfume; elas que não sabem sorrir, nem bailar, como você, — e que também não tecem, e que também não fiam... Volte, portanto, Nelley, ao convívio sadio do seu lar, aos seus afazeres domésticos, aos seus livros, aos seus estudos; êles farão de você, menina ainda, a mulher de amanhã; e não tenha nenhum ressentimento dos juízes que, em boa hora e em seu benefício, subscreveram aquêle acórdão; assim julgando, êles, apenas, visaram — no simbólico do seu caso e dentro de um mundo egoísta, absorvente e mau — proteger e resguardar tôdas as criaturinhas, como você, delicadas e inteligentes, que se geraram no bem e que nasceram puras.

GÓES FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

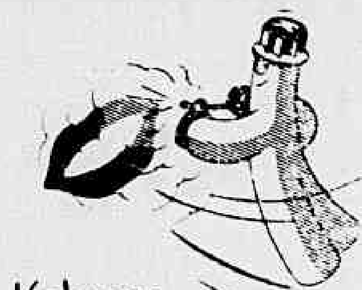
Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Este número tem 60 páginas.

KOLYNOS satisfaz as exigências de todos!

Quero um creme dental que perfume o hálito.



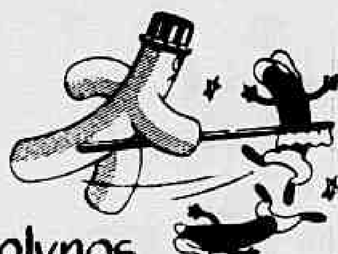


Kolynos perfuma o hálito!

A espuma eficaz de Kolynos limpa muito mais e efetivamente purifica o hálito, deixando na bôca uma agradável sensação de frescor e bem-estar.

Quero um creme dental que combata as cáries.



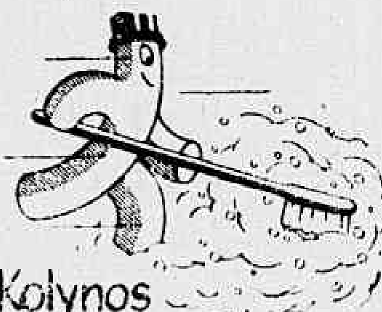


Kolynos combate as cáries!

Kolynos destrói as bactérias e efetivamente combate as dolorosas cáries, neutralizando os ácidos bucais e assegurando uma limpeza completa.

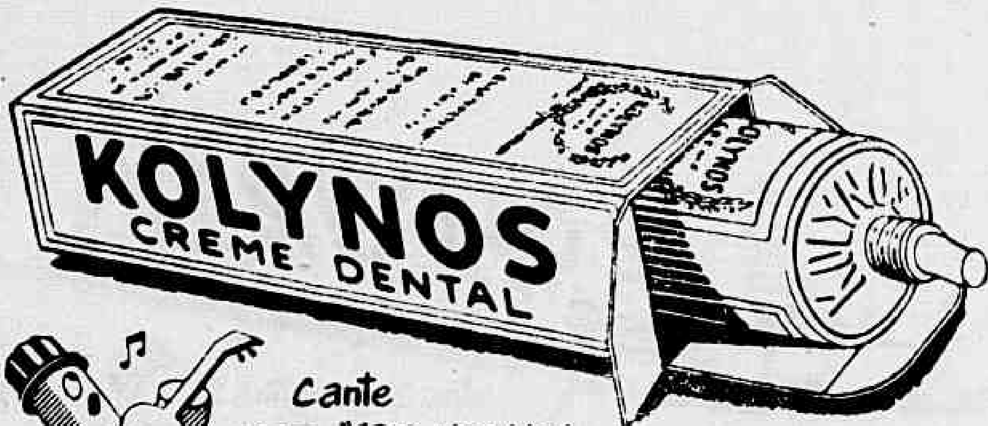
Quero um creme dental que renda muito mais.





Kolynos rende muito mais!

Kolynos é um creme dental altamente concentrado, bastando apenas um centímetro na escôva sêca para se obter espuma abundante, eficaz e refrescante.





Cante com "SEU" KOLYNOS

2 vêzes ao ano visite o dentista

3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista

K-689-R

A Semana

Para curar os alcoólatras



NAS ruas do Rio é costume ver-se gente caída nos passeios, ou a perambular pelas ruas, em completo estado de embriaguês alcoólica. Homens válidos, de compleição física atestando possibilidades de suportar serviços úteis, vivem a cair pelas ruas, a dormir à soleira das portas, em bancos de jardins públicos, à beira-mar, curtindo a ressaca que a "caninha" lhes traz. E não apenas homens. Há mulheres nesse meio. Nas ruas que desembocam na Lapa é comum encontrarmos mulheres embriagadas a cantar naquela entonação característica dos ébrios que mal se sustentam em pé. São aspectos dolorosos da nossa capital que precisam acabar. E, pois, com a maior satisfação que registramos neste tópico a notícia da fundação do Recolhimento em favor dos alcoólatras de nossa cidade, instituição filantrópica levada a efeito pela Senhora Augusta Barroso de Almeida, espôsa do Coronel Oswaldo Melchíades de Almeida. Desde muito que essa dama de nossa sociedade vinha imaginando um meio de amparar e curar êsses deserdados da sorte, escravos de um dos mais deploráveis vícios que desgraçam o homem: o alcoolismo. Depois de muita luta, dado o vulto do empreendimento, a Sra. Augusta Barroso de Almeida conseguiu inaugurar o Recolhimento, situado na Avenida Presidente Vargas, 1850, o qual será mantido pelo "Templo de Santa Catarina de Alexandria", sociedade recentemente fundada pela mesma senhora, com vasto programa de assistência social.

Cuidado, Comerciantes

OS malandros não dormem. Com as atividades da COFAP, sucessora da CCP, os espertalhões que vivem da credulidade pública caíram em campo e têm achado muitos comerciantes vítimas de sua boa-fé. Os elementos inescrupulosos agem perante negociantes e se apresentam com uma carteira azul, emitida ainda pela CCP. Tais documentos de identificação já foram, desde muito, considerados nulos de pleno direito, sem nenhum valor. Os atuais agentes da COFAP conduzem carteiras de novo formato e nova côr: têm forma de cartão verde-claro, com as palavras "Agente de Fiscalização da COFAP", em letras vermelhas, a assinatura do portador, do presidente da COFAP e do chefe de Polícia, tôdas com data de 25 de abril dêste ano em diante. Os meliantes que se apresentam como fiscais da COFAP, exibindo as antigas carteiras, têm iludido muitos comerciantes, multando-os e pedindo dinheiro para relaxar o flagrante. Tais indivíduos estão ditando expediente para a venda de bebidas de procedência estrangeira. Para que tudo corra bem, exigem do comerciante grossas somas, sem o que não lhe concedem êsse direito, e ainda aplicam multas. A trampolinagem tem rendido muito, razão por que os sabidões não deixam o campo de ação. Na verdade não há quem não queira resolver as dificuldades fiscais com uma nota de cinqüenta ou cem cruzeiros, a ter amolação maior com um processo moroso e cheio de complicações. Mas tudo se esclareceu, e os achacadores estão encontrando muita dificuldade



Em Revista

Agora vai mesmo

OS morros do Rio, alguns invencíveis e que tanta beleza dão ao conjunto indescritível da cidade, vêm sofrendo remoção de tempos em tempos. Se uma pessoa dos fins do século XVIII viesse visitar a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, ficaria espantada com o desaparecimento de muitos morros da Guanabara. Mas um há que tem resistido brevamente à investida dos poderes públicos: o morro de Santo Antônio. Encravado no centro vital da Cidade Maravilhosa, com enorme área, tem sido objeto de muitos projetos de urbanização, tudo, porém, sem nenhum resultado prático. Quando aqui estêve o grande Agache, ficou assentado que o morro não seria convertido em pó. Seria respeitado, mas lhe seria dado um aspecto de grande beleza urbanística. Agache ficou mesmo maravilhado com o futuro do morro, e imaginou uma série de embelezamentos para o mesmo. Entretanto, logo depois, aí pelas imediações de 1930 a 1931, o então Prefeito Bergamini meteu mãos à obra e procurou destruir o morro. Sua área seria loteada e convertida em espaços para a vida intensa do carioca. Entretanto, apesar dos poderes discricionários do govêrno de então, o morro desafiou os projetos e foi ficando. Últimamente volta à baila o seu caso. Quando a gente pensa que os alviões vão entrar em movimento, tudo pára e o morro fica. Agora, segundo notícias divulgadas, o Sr. Prefeito despachou com o Presidente da República a sentença de morte do morro. Agora êle vai mesmo...



O trânsito no Rio

É cada vez mais grave. Todo mundo reclama: o pedestre e motorista. Para aumentar a confusão, vivem às turras a Diretoria de Serviço de Trânsito e a Prefeitura do Distrito Federal, pelo seu Departamento de Concessões. Recentemente se registrou um fato digno de lástima e de imediatas providências por parte das autoridades públicas. A linha de ônibus n. 53, de Barata Ribeiro, em Copacabana, tinha sua inicial na Esplanada do Castelo. Requereu e obteve licença da Prefeitura a fim de levar seus veículos até à Praça Mauá, o que foi deferido pela Prefeitura. Logo que se viu com a devida autorização da Prefeitura, a emprêsa de ônibus mandou que seus carros fizessem ponto final na Praça Mauá. E aí é que começa a confusão: cada carro que chegue à Praça Mauá não pode estacionar ali, devendo tomar um destino que tem sido aquêle da discussão com a polícia do Trânsito que não permite, de jeito nenhum, que os carros da linha 53, já autorizados pela Prefeitura, estacionem naquela praça. E' o mais desagradável conflito de jurisdição e de competência dêstes últimos tempos, nesta cidade. Pergunta-se, então: quem manda no trânsito? O Departamento de Concessões da Prefeitura, ou a Diretoria do Trânsito? Foi para decidir a parada que o Sr. Frederico Trota apresentou à Câmara Municipal um requerimento para serem tomadas providências pelos poderes federais, e, principalmente, transferir à Prefeitura o Serviço de Trânsito da Cidade.



A PERSONAGEM DA SEMANA



Alberto Santos Dumont

QUANDO os alemães invadiram a França e chegaram a Paris, embora não fôsse bombardeada a Cidade-Luz, respeitada por ambas as partes em luta, o monumento a Santos Dumont foi destruído pelos invasores. Com a vitória dos aliados, em cujas hostes também formou o Brasil, o pensamento francês se voltou para êsse atentado à civilização, e a idéia da reconstituição do monumento comemorativo em homenagem ao "Pai da Aviação" tomava vulto dia a dia, até que se chegou à fase final. Era preciso, porém, aliar-se o seu nome imortal à data de sua vitória na dirigibilidade dos balões, feito que se realizou na França a 11 de julho de 1901. Santos Dumont voltaria a ter novamente sua estátua, seu monumento, seu símbolo em terras de França, oferecido pelo govêrno e pelo povo da grande nação latina. E agora volta novamente a ser vista, em Saint Cloud, na localidade de Val d'Or, Paris, a obra de arte que representa Santos Dumont dominando os ares com suas asas triunfantes, novo Ícaro do século que despontava e que foi o marco inicial para o estupendo progresso até hoje. Não podemos, porém, atinar, sôbre a referência ao cinqüentenário dêsse vôo, quando, em verdade, foi com o "Santos Dumont" n.º 4 que o nosso imortal patrício, a 11 de julho, provou que a dirigibilidade dos balões era uma realidade, tendo gasto 35 minutos no trajeto de ida e volta, do Parque do Clube, em Saint Cloud, à Tôrre Eiffel, deixando de ganhar o prêmio Deutsch, por ter gasto cinco minutos mais. Com o Santos Dumont" n.º 6 (o número 5 foi destruído), êle tornou a disputar o prêmio, ainda em 1901, e deslumbrou Paris com aquela memorável viagem no balão elíptico, contornando a Tôrre Eiffel e voltando ao ponto de partida, ganhando os cem mil francos, e os distribuindo com os pobres e com os seus auxiliares. O cinqüentenário, pois, cabe ao ano passado. Mas isso não impede de nos aliarmos às comemorações que a França realizou ao Pai da Aviação, homenagens que repercutiram profundamente na alma brasileira e que tanto comprovam o alto espírito de justiça da nação francesa. As notícias, porém, trazem certas confusões, pois muita gente mistura o "14 bis" (aeroplano, o mais pesado que o ar) de 1906, com o vôo em dirigíveis a hidrogênio, o mais leve que o ar.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

Haas desce ao fundo do mar e examina o "Mediterranean Sea", naufragado no Pacífico.



O BISBILHOTEIRO DO MAR

VISITANTES DAS PROFUNDEZAS DO MAR ★ A CURIOSIDADE HUMANA DESCE AOS DOMÍNIOS MISTERIOSOS DO OCEANO PACÍFICO

HÁ pessoas que levam a vida inteira a colecionar caixas de fósforos; outras, com a mesma persistência, passam anos e anos a construir castelos com palitos; vemos ainda muitas que, em todos os países, reúnem cachimbos, xícaras, exemplares de programa de cinema. São ocupações inocentes, e que, por vêzes, concorrem para esclarecimentos de natureza histórica. Assim, nada mais natural do que vermos pessoas que se dedicam aos mais arriscados serviços em prol da ciência, ou simplesmente por prazer exclusivamente individual. Entre os homens que arriscam a vida a serviço da ciência está Mr. Hans Haas, o qual escolheu êste trabalho de arrepiar cabelo: descer às profundezas do Oceano Pacífico e ir surpreender os mais estranhos e misteriosos peixes em seu "habitat". Mr. Hans repete a façanha do lendário Jonas, aquêle bom homem protegido por Jeová, que, depois de ser engolido por uma baleia, aparece nas praias perto de Ninive, e cumpre a missão que o Senhor lhe confiara de converter os incrédulos. Mr. Haas não se serve de nenhuma baleia ou cachalote para invadir os arcanos dos tubarões dos mares das Ilhas Salomão e das Marquesas. Êle vai mesmo munido de seus petrechos modernos, e sua aparência mete mêdo até mesmo aos mais vorazes habitantes das profundezas oceânicas.

Êsse abnegado e corajoso homem sempre achou que, sendo a parte das águas 70% a mais do que a terra enxuta, nada mais natural do que ver-se o que se passa lá por baixo. O seio dos mares é ainda um local misterioso e insondável. Tem o homem inventado muito aparelhamento para desvendar o mistério dos oceanos profundos. Mas é preciso descer, ir lá, ver como vivem os peixes. Escolhendo a região das ilhas Salomão e Marquesas, Mr. Haas foi muito feliz, uma vez que é ali onde se encontram os mais curiosos e variados espécimes da fauna e flora submarinas. Um repórter



Grandes peixes são fisgados pelo cientista Hans Haas e seus auxiliares nas aventuras marítimas, embora não os mande fritar, pois seu trabalho é exclusivamente científico.



Lotte Berl Haas, espôsa do cientista, também é fã da vida marinha. Ela se sentou nesta cátedra de coral e parece estar a dar aula de natação aos discípulos...



Hans conseguiu êste instantâneo nos mares das Ilhas Salomão, surpreendendo estranho peixe. Êle e sua mulher, vienense de 21 anos e que foi sua aluna, amam-se loucamente até debaixo d'água.



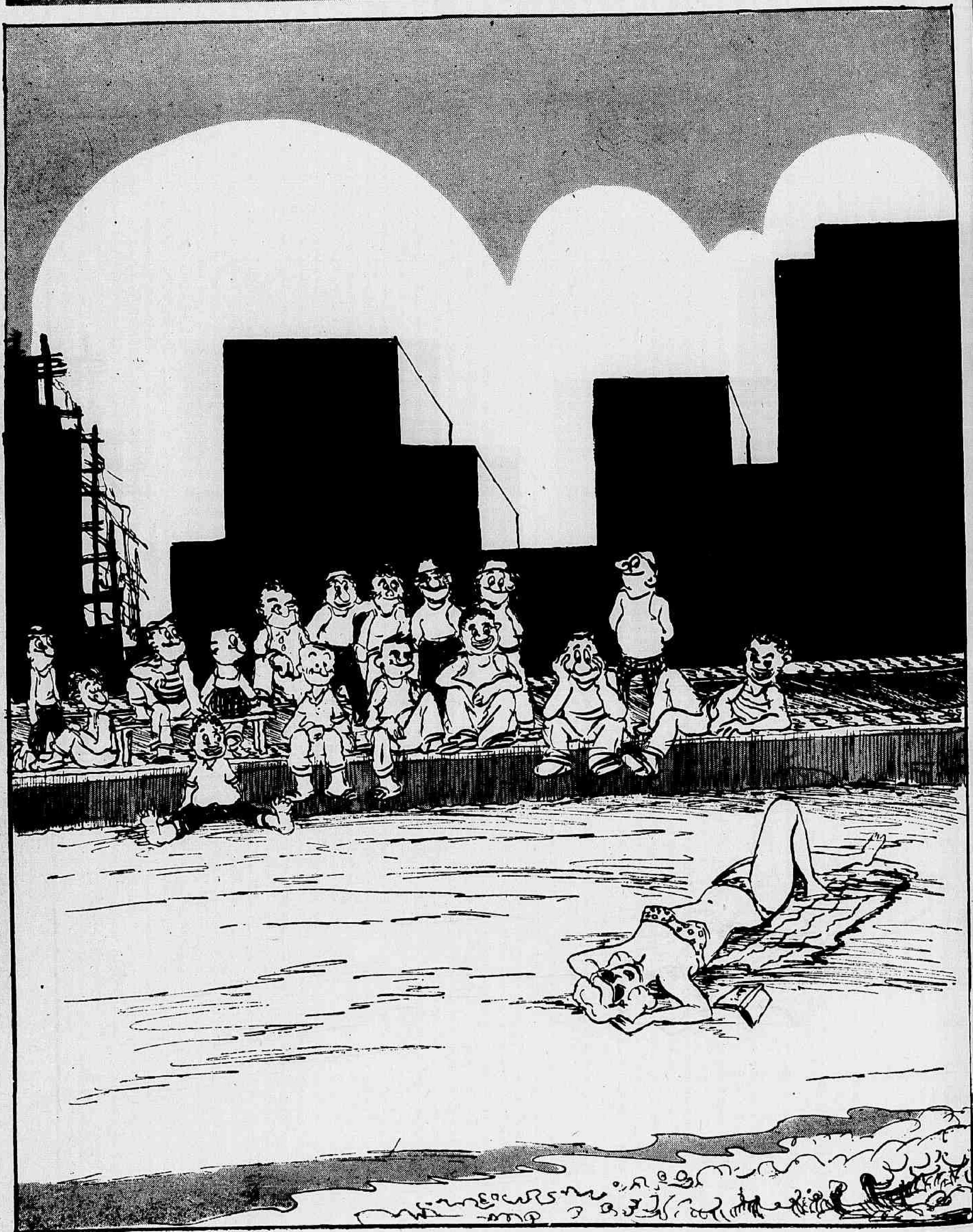
perguntou-lhe se não havia sido atacado por tubarões. Mr. Haas, que chefia uma equipe de homens dispostos a levar a cabo a tarefa, respondeu que o tubarão, embora feroz, só ataca quando a vítima não o enfrenta. Êle é mais traiçoeiro do que audaz. Mr. Haas explicou ainda que não se pode fazer estudos ictiológicos em aquários, por maiores que sejam, porque os peixes, quando vivem nêles se tornam idiotas, sem expressão, perdendo a personalidade. O cativeiro lhes modifica o caráter de maneira dolorosa. Por êsse motivo, êle se dedica a visitas às profundezas oceânicas, desafiando os maiores perigos, mas consegue filmar os peixes, grandes e pequenos, desde uma simples carapeba ao mais feroz "tigre do mar", que é como chama ao tubarão. Há naquela zona muitos bancos de coral, e as águas são de uma cristalidade excelente, muito apropriada para tais serviços. Mas não basta estarmos bem aparelhados; é necessário que os exploradores das águas profundas sejam bons mergulhadores, excelentes nadadores, pois a aparelhagem é muito pesada, exigindo capacidade e grande resistência física.

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

FISIONOMIA DA CIDADE

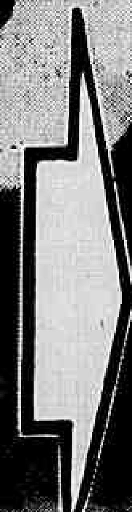
3 — **POSTOS:** Operários em construção apreciam o mar.



O FLUMINENSE VENCEU



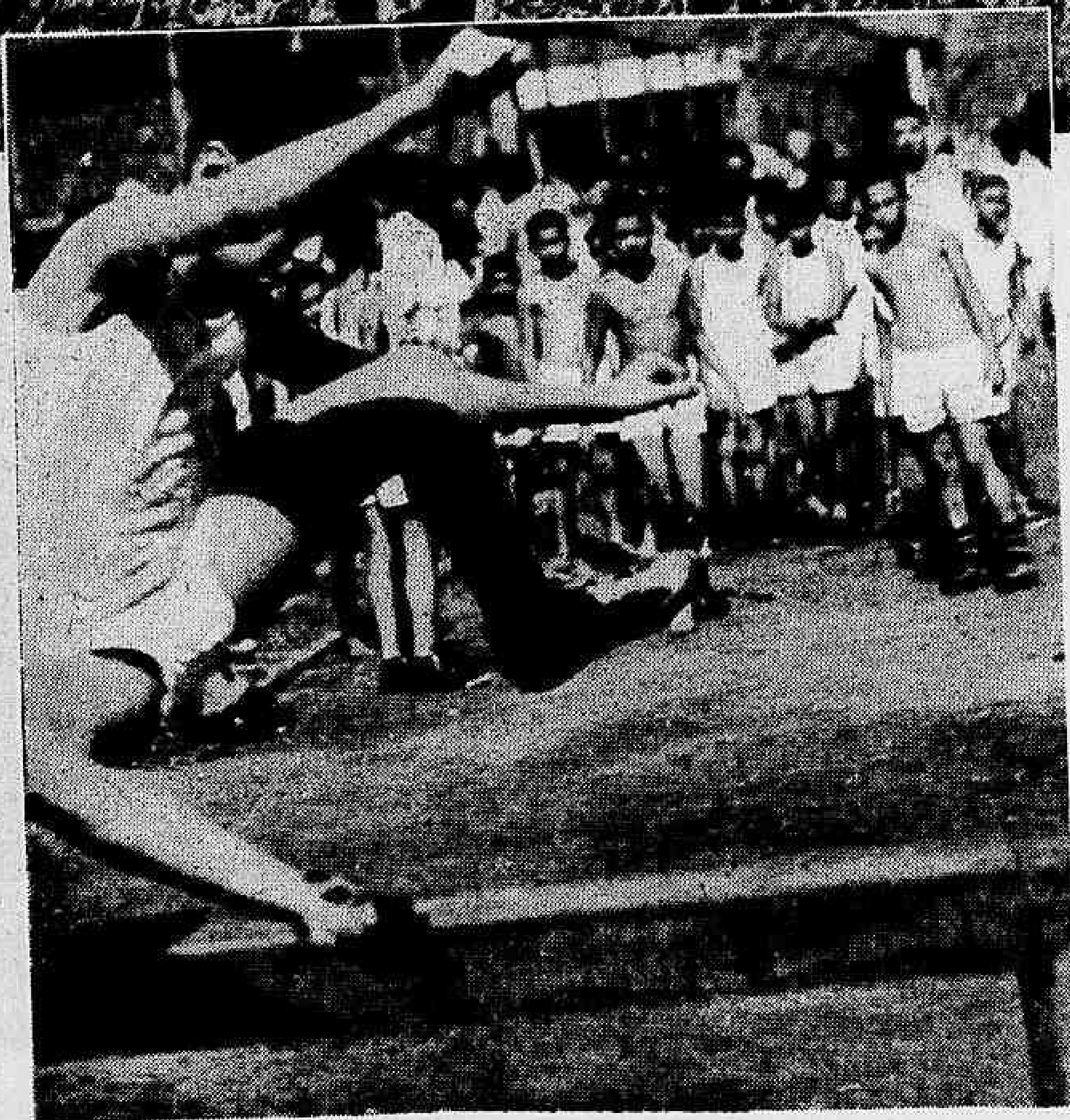
OS JOGOS INFANTIS



Texto de LEVY KLEIMAN



Sugestivo flagrante do jôgo de futebol entre Bangu e Star Club. Que rebatida, sai todo mundo da frente!

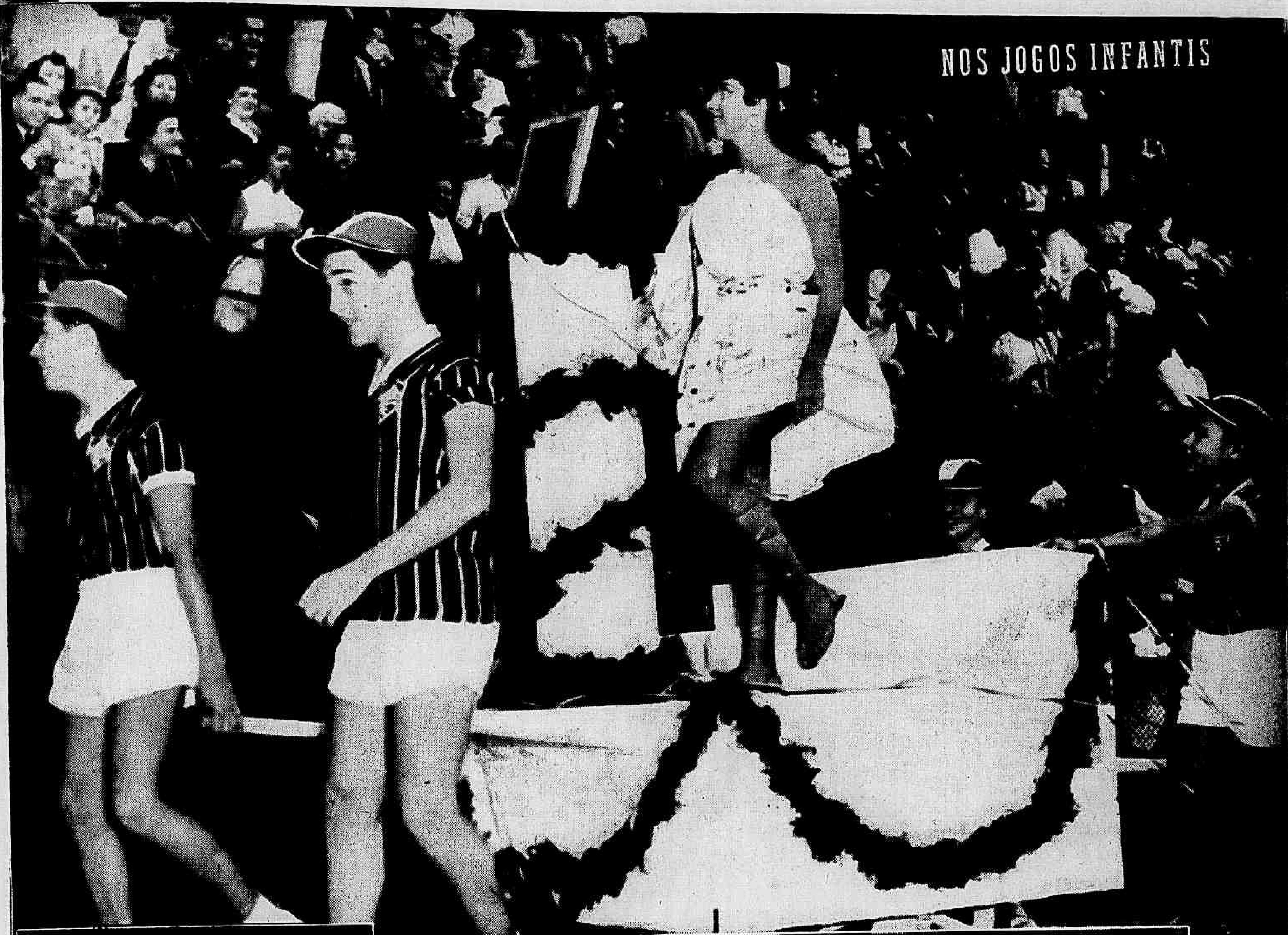


INEGÀVELMENTE a realização, pela segunda vez, dos Jogos Infantis veio demonstrar a necessidade de uma atenção permanente à criança que pratica o esporte, meio por excelência para desenvolver o seu físico e sua mente. Os clubes já estão dando atenção maior aos setores infantis e os Jogos promovidos pelos nossos confrades do "Jornal dos Esportes" constituem, sem dúvida, um incentivo para que os dirigentes das agremiações que se espalham pelos quatro cantos da cidade cultivem com mais carinho os pequenos atletas de hoje que serão os grandes atletas de amanhã.

O Vasco da Gama preparou com afinco a sua petizada para o desporto-base: — o atletismo. Eis um dos atletas mirins do grêmio da Cruz de Malta quando ensaiava um salto de barreira.



O futebol de botões também empolgou nos Jogos Infantis. Vejam com que interêsse os meninos da Associação Cristã de Moços e do Guarani se empolgam nas jogadas futebolísticas dos seus botões!



Fluminense, campeão dos jogos infantis, desfila com uma alegoria apresentando a "Taça Olímpica".

A Olimpíada Infantil é o ponto culminante da temporada para os atletas mirins, e por isto é que sòmente às vesperas dêste certame os clubes centralizam as suas atenções para êste setor que passa o ano inteiro relegado a plano secundário. Eis o motivo pelo qual achamos que os Jogos Infantis ainda não são a solução do problema, e que se torna necessário, a exemplo do que se faz com a natação, promover certames isolados das demais modalidades durante o ano inteiro, para que a criança tenha um permanente interêsse pela prática desportiva e para que os clubes proporcionem



Esta bela representante do Botafogo de Futebol e Regatas nos jogos de tênis-de-mesa demonstra a sua classe numa rebatida. A técnica pode não ser perfeita, mas o empenho pela vitória, é um fato.



Entre os pequenos jogos, a competição de "papagaios" foi uma das que mais atraiu a petizada. Eis alguns dos concorrentes exibindo, cheios de orgulho, os seus aparelhos de flecha e papel fino.



A corrida do arco é outro dos divertimentos típicos da infância. Êste menino, representante do Carioca E. Clube, foi o vencedor da corrida. Ei-lo posando com os seus apetrechos.



O patinete também pode ser incluído entre os brinquedos preferidos pela infância. Reparem com que firmeza êste representante do Colégio Anglo-Americano segura o guidão antes do início da corrida. Muita vontade de ganhar.

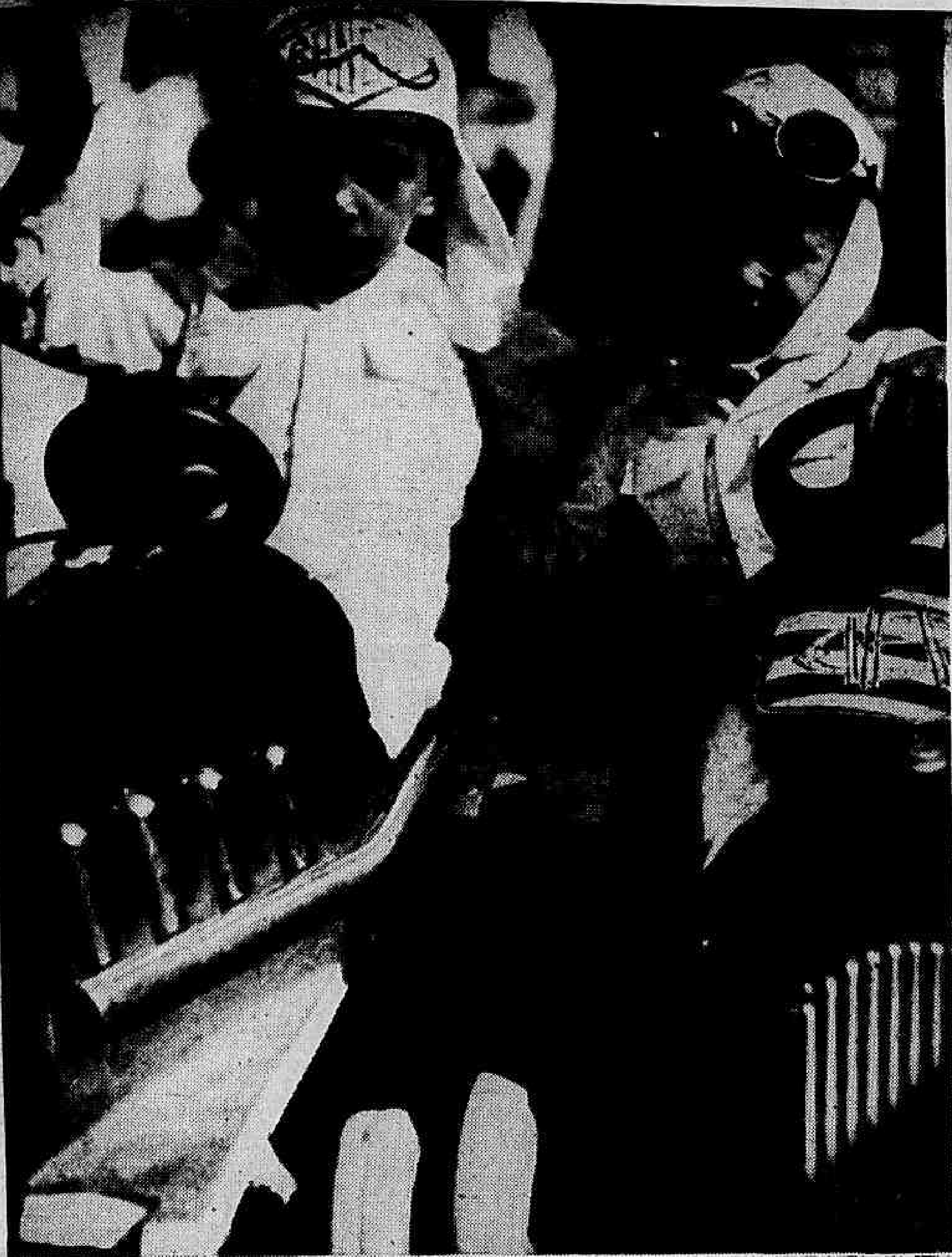
uma atenção constante, criando instalações especiais, isoladas dos adultos, como acontece no caso do Clube de Regatas Vasco da Gama, que possui um Departamento Infantil modelar.

Êste ano os Jogos Infantis bateram um "record" de inscrições. Nada menos que 2.163, o que constitui uma cifra bem apreciável, que atesta sobremaneira o interêsse despertado pelo certame.

Nem tudo correu num mar de rosas. Houve uma forte discussão antes de um jôgo de voleibol entre o Colégio Plínio Leite e o Fluminense. Tudo por causa da altura de vários jogadores, que os representantes dos dois quadros acharam que ia além da conta de infantil. Duas horas de falatório e, afinal, o jogo não foi realizado. Foi preciso levar o caso a um tribunal e formou-se um júri ímpar na história esportiva. Vejam só quem participou da comissão encarregada de estudar o assunto: Luís Aranha, patrono dos esportes; João Lyra Filho, ex-presidente do Conselho Nacional de Desportos; Vargas Neto, atual mandatário do C.N.D.; Rivadávia Correia Meyer, presidente da C.B.D., e o jornalista Mário Filho, diretor do "Jornal dos Esportes". Apreciando a súmula dos acontecimentos, decidiram que, apesar das duas horas de discussão, houve entendimento entre as partes, que fôssem revistas as alturas e marcada nova data para o jôgo, que foi fàcilmente ganho pela equipe do Fluminense.

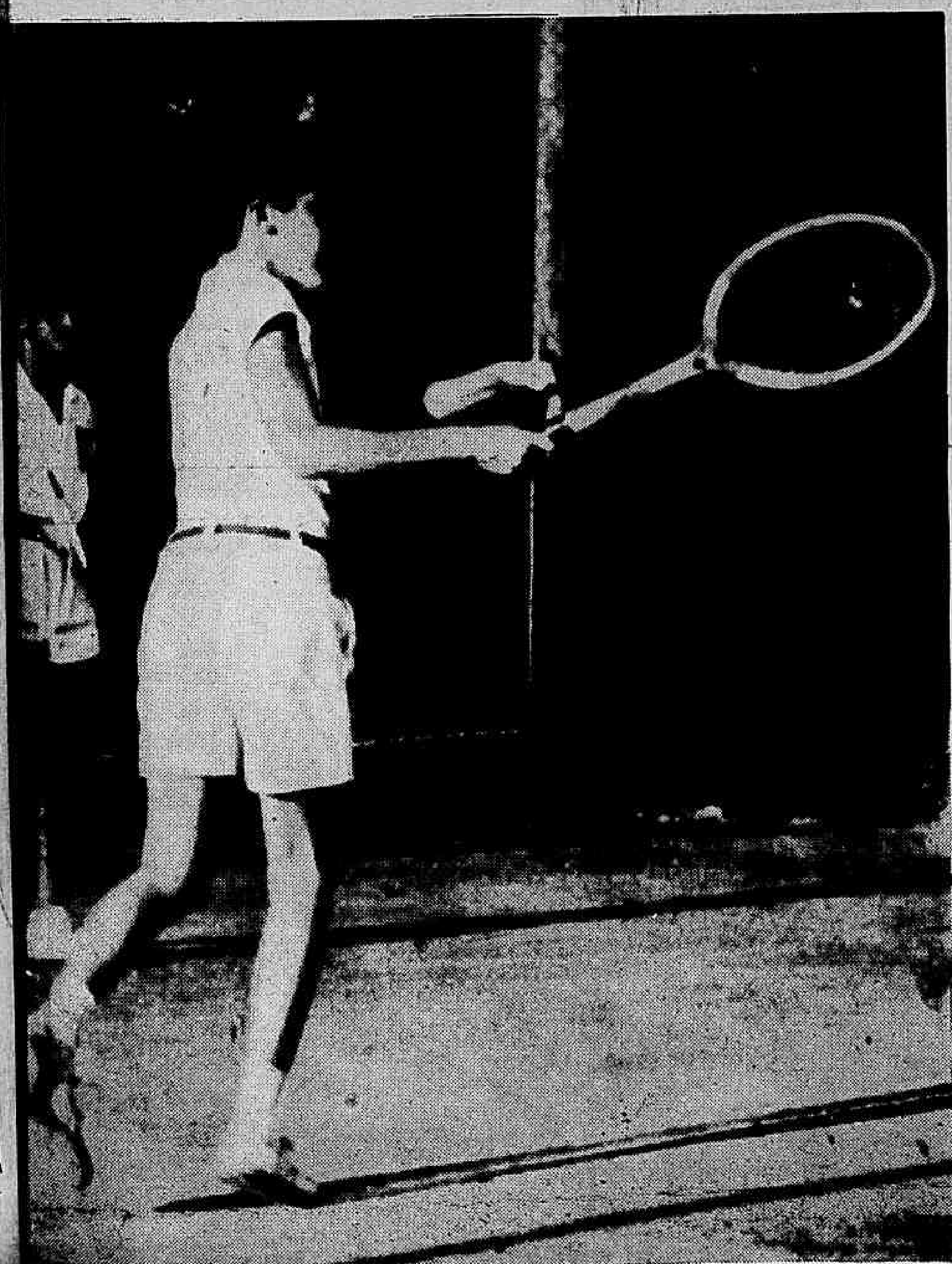
O Vasco, por exemplo, não ficou nada satisfeito com o início das provas de bicicleta sem que a sua equipe estivesse presente. A direção das provas aguardou, por mais de dez minutos além da hora marcada, a chegada dos ciclistas vascaínos e mandou iniciar a competição. Resultado: quando os vascaínos chegaram as primeiras corridas já tinham sido realizadas. Aborrecidos com êste caso, os dirigentes do Vasco decidiram que os seus ciclistas não tomariam parte nas demais provas e

(Cont. na pág. 50)





A competição infantil, promovida pelo matutino especializado, empolgou em diversas modalidades. Ao alto, à esquerda, dois volantes do Bangu com pose de Chico Landi e, à direita, ciclistas do Fluminense e do Bangu, campeão e vice-campeão da respectiva prova. Em baixo, à esquerda, pequenos raquetistas tricolores enfrentando vascainos na quadra do Tijuca Tênis Clube e, à direita, Nilsa Cerodio, vencedora da prova de velocipedes, no instante da chegad







LIDO... VISTO...

O estrabismo de Lafayette

LAFAYETTE Rodrigues Pereira, o Conselheiro Lafayette, como passou a ser conhecido até o seu falecimento, em 1917, era um estadista, um intelectual e um mestre imortal do nosso Direito.

Deputado, senador, ministro e chefe de gabinete, em época difícil, como logo após a queda do gabinete Dantas, em 1884, quando ao seu equilíbrio se chamava equilibrismo, nas sátiras do lápis imortal de Ângelo Agostini, era um estilista, um jurisconsulto e sobretudo um espírito de clareza e concisão áticas.

Seu "Direito de Família" é um monumento, como monumental foi sua defesa de Machado de Assis, nos artigos publicados sob o pseudônimo de Labiene, depois enfeixados no opúsculo "Vindiciae", quando Sílvio Romero comete o despautério de fazer o paralelo entre Tobias Barreto e o autor de "Esaú e Jacob", como poetas. Comparava a procela com o Partenon, um bólido e um sorriso...

Lafayette, fino, irônico, agudo, era vesgo. Não gostava, porém, que se aludisse ao desvio ocular. Um dia, no Senado, um impertinente desfecha-lhe a pergunta:

— Senador, êsse seu estrabismo é convergente ou divergente?

— E' de ver burros! — responde-lhe furioso, Lafayette, acertando o pincenez...

● **BARBADA!...**
(Anedota italiana)

Numa perfumaria o rapaz quer impingir ao freguês careca uma loção... para os cabelos.

— Mas é boa mesma?

— Formidabile! Imagina que um padre que a comprou aqui quis abrir o vidro com os dentes e no dia seguinte cresceram-lhe os bigodes.

● **ESQUARTEJADO**

— Venham buscar um homem esquartejado, em plena rua. E a polícia de Indianópolis foi... na onda. Lá estava Howard Finley, dormindo à sesta num banco e, ao lado, suas pernas... de madeira.

Definição

Amigos são aquêles que aparecem quando os outros desaparecem...

RESPONDA A ESTAS

16 **Quando se deu o chamado combate da Maricota?**

17 **Quando começaram os torneios de tênis, em Wimbledon?**

18 **Qual o presidente da República que morreu no Palácio do Catete?**

19 **Que significa KODACK?**

20 **Quantas vértebras tem o pescoço de uma girafa?**

RESPOSTAS ÀS ANTERIORES

11 — Embora as sementes de trigo geralmente só vivam 20 anos, essas que sobreviveram milhares de anos, acham os sábios que sim; **12** — Uma glocosidia contida no pedúnculo; **13** — Pedro Rodrigues Fernando Chaves; **14** — Ulmann; **15** — Caldo de mandioca prensada.

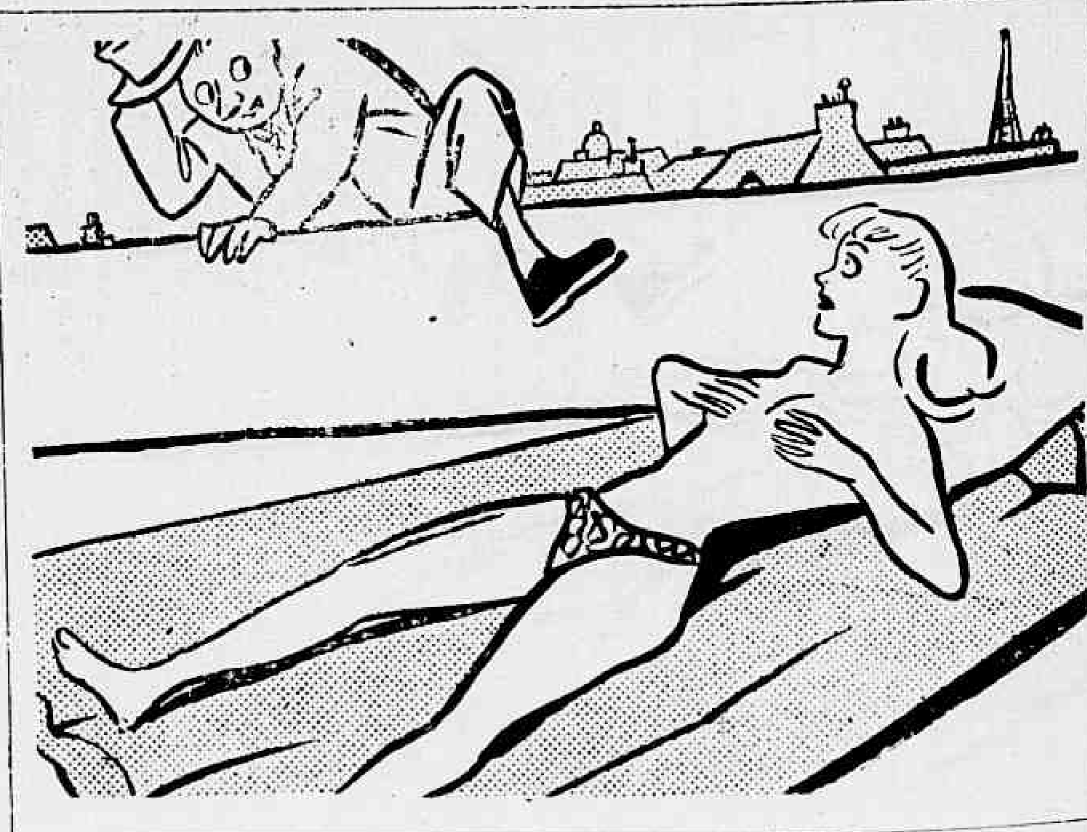
COTAÇÕES

Se responderes TÔDAS: és o "tal"; ALGUMAS: não estás mal; NENHUMA: não conte a ninguém.

A esbelta Svetona muda o sapato...



BANHO DE SOL NO ARRANHACÉU



— Ah, desculpe, eu ia passando por acaso...

...OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

Sacos para evitar os "puxas"...



POUCAS... E BOAS...

● **TRUMAN MOTIVO... PRÁ DIVÓRCIO**

O simpático Truman, apesar do seu sorriso Sloper — comparado ao de Roosevelt, não é por aí nenhuma cara de meter mêdo, não acham?

No entanto, esta a carta que uma dona Eve vejam só — escreveu em Denver, para o Rocky Mountain News:

"Depois de 34 anos de casada, estou começando a enjoar de meu marido. Imagine que êle está ficando cada vez mais parecido com o presidente Truman."

O jornal não nos informa se já foi pedido o divórcio. Mas quando as coisas chegam a êsse pé... E o motivo... é um caso sério... Cara de Truman.

● **A CURIOSIDADE NÃO COMPENSA**

E dizem que a mulher é curiosa...

Por simples curiosidade, Al Mac Carthy, homem maduro, de 50 anos, idade provecta que já dava tempo de lhe haver dado juízo, foi condenado em Los Angeles a dez meses de prisão. O crime? Curiosidade... Vestindo-se de padre, ouvia os fiéis, as fiéis e infiéis... em confissão... Se êle falasse... Mas o Carthy não durou muito no cárcere. Comuntaram-lhe a pena. Com pena? Não. Acharam que o caso era de mera curiosidade e comutaram-na, porque o culpado não ganhara nada com isso...

● **HÁ SINCERIDADE NISSO?**

V. R. Dupont, desapontado, três meses depois do casamento, pediu divórcio, em Nova York.

— Que houve, seu Dupont, que descobriu o sr. meses depois?

— "Burla moral" — disse êle ao juiz.

— Três meses depois?

— Sim, — alegou Mr. Dupont — ela dissera ter 26 anos; descobri que já fizera 48.

Madame teve de confessar, mas defendeu-se, declarando que, em compensação, "estava cheia de qualidades extraordinárias"...

O juiz — há cada juiz em Nova York — não pôs em dúvida suas virtudes, menos uma: sinceridade...

A MULHER

A mulher é um animal com o qual e sem o qual não se pode viver...



FOOT-BALL

— E' a primeira vez que atua como juiz?
— Não, a última.

SACOS... CONTRA OS "PUXAS"...

UM julgamento sensacional. Quais as mais belas pernas da América do Norte? Escolhem-se juízes austeros e... de bom-gôsto, mas os juízes dos juízes ficam pensando: êsses juízes podem impresionar-se com as carinhas bonitas e não julgarem as pernas... não irem lá das ditas... E' numa das praias mais famosas dos Estados Unidos. A decisão é tomada: o desfile far-se-á com os rostos encobertos. E as lindas "girls" de bonitas gâmbias vestem êstes sacos de batatas, vazios. Sacos para evitar os "puxas"... Êstes americanos, puva!...

QUEM DISSE ISTO?

16 **"A Inglaterra é a mãe dos Parlamentos."**

17 **"A América do Sul é ingovernável."**

18 **"Assim morre um general brasileiro."**

19 **"O segrêdo de aborrecer é o de tudo dizer."**

20 **"As mulheres são dos extremos: ou são melhores ou piores do que os homens."**

RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS

11 — Viennet, na Câmara francesa; **12** — La Rochefoucauld; **13** — Nestor Roqueplan; **14** — Virgílio, na Eneida; **15** — Martinho de Campos, político do Império.

UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Bertille, órfã, era criada por sua tia Manoue, em casa de quem vivia outro filho adotivo, Malique, já homem feito, quando Bertille estava com dez anos. Bertille muito se impressionara com as histórias de Príncipes encantados que lhe contava Manoue, antes de dormir. Um dia, Bertille, ao adormecer no campo, teve a impressão de que um príncipe chegava e a beijava, fugindo depois. A menina ficou profundamente impressionada e contou a visão aos de casa. Êles procuraram desvanecê-la disso. Mas Bertille guardava o sabor daquele beijo. Malique entrara de namôro com uma jovem, e, certa noite, ao sair para os seus encontros furtivos, em ponto marcado à beira da estrada, Bertille se ergueu e, sorrateiramente, foi atrás dêle, surpreendendo-o com a namorada. Descoberta, a moça lhe deu umas tapas, resultando disso Malique abandonar o namôro. Dias depois, Bertille foi à vila buscar o pão, em companhia de Malique. Lá estava a ex-namorada do mesmo, o que muito encabulou a Bertille, que ainda sentia nas faces o queimar das bofetadas.

ÊLE me suspendeu com os seus braços potentes, como fazia tantas vêzes, e procurou agasalhar-me com um chale, como costumava fazer quando eu adormecia sôbre a mesa. Sem dizer uma palavra, volta à estrada. Logo que chegou ao local onde estava com êle, falou-lhe:

— Espere-me aqui. Estarei de volta num instante.

Mas a mulher lhe falou num patuá que eu não entendi e me pareceu que o estava xingando violentamente.

Malique voltou:

— Não seja má. Pode esperar-me que eu voltarei correndo! Espere-me, Marinette!

Mas a sua bela dama se foi. Êle não pôde deixar de soltar uma exclamação de dor. Eu notei em seus olhos uma tal expressão de infelicidade, que julguei, ia êle deixar-me abandonada à beira do caminho, para não perder seu amor. O coração de Malique batia com fôrça e apressadamente. Parecia que estava a soluçar dentro do peito. Quando ela já ia muito longe, êle retomou o caminho com passo tardo, como se fôsse um velho cansado. Eu então não pude mais e desandei a chorar. Perto de nossa casa eu envolvi o seu pescoço com os meus dois braços.

— Eu não vou mais fazer isso... Eu não sabia Malique, eu não sabia... Você vai ficar sempre de mal comigo? Eu queria ver apenas como é que duas pessoas se beijam. Mas achei tão comprido um beijo quando a gente olha de fora!

Logo que chegamos à escada de acesso êle me colocou no degrau e nada disse. Logo depois eu ouvi que êle abria a porta do celeiro onde costumava dormir. Eu desejava deitar-me nem que fôsse numa pedra e chorar até ao amanhecer, para que êle, ao levantar-se me visse e tivesse piedade de minha desolação.

Mais tarde, muito mais tarde mesmo, eu compreendi que ela havia sofrido tanto como Malique naquela noite de angústias. Durante muitos e longos dias êle se manteve calado, triste, sem falar comigo. Confusamente eu procurava adivinhar que, por culpa minha, eu havia separado Malique e sua pequena de Combellou, a quem êle tanto amava. Eu o percebia mas sem poder compreender muito. E, quando eu estava perto dêle, me conservava humilde e sonsa.

Cada vez mais êle procurava afastar-se de mim, com os seus olhos no vazio, até ao dia em que, ao ver-me chorar a um canto, Malique pôs as mãos em meus cabelos:

— Não chore. Não vale a pena chorar de uma coisa que já não mais existe. Não basta que um só esteja a sofrer por isso? Venha, Bertillotte. Suba aos meus joelhos!

Eu poderia esquecer a moça e a história tôda. Mas êle poderia fazê-lo? Não continuaria a sonhar?

Um dia eu o segui até à vila mais próxima onde nos abastecíamos de víveres e utilidades, semanalmente.

Quem fabricava o pão era a velha Anais, em uma adega baixa e negra. Às quartas-feiras sua casa era ponto de reunião e de tagarelices. Foi naquele dia que eu vi muito de perto a amorosa de Malique, e não pude tirar dela o meu olhar. Eu a detestava pelos tabefes que ela me dera, e não sei por que outra razão obscura, talvez porque sentisse uma espécie de admiração ciumenta, diante de sua figura sedutora, de seus belos olhos românticos. Eu chegava a sentir vergonha, diante dela, de minha insignificância, de meu vestidinho matuto, enquanto ela era dona de dotes tão bonitos, com seus olhos de gata, para os quais todo mundo teria uma palavra de elogio. Parecia que estavam a provocar, a querer revelar segredos que ocultavam.

Ela não se aproximou de Malique, tão certa estava de que êle iria para ela. Mas o nosso Malique se manteve indiferente, muito indiferente e muito calmo, a trocar idéias sôbre a próxima colheita, sôbre o casamento de Narie-Annette, enquanto ia ajudando o trabalho da velha Anais, para que ela não se esforçasse tanto. Depois foi até onde eu estava, e riu de ver-me escondida a um recanto meio escuro, caladinha como uma pedra, como se temesse que me vissem ali.

— Venha daí, minha gatinha, para o meio dos outros. Assim como está, até parece que está com mêdo, ou que não tem inteligência nenhuma.

A velha Anais me tomou pela mão e me levou través dos grupos, a fronte baixada, o ar selvagem. Essa boa velhinha tinha sido uma das melhores amigas de Manoue. Ambas haviam trabalhado no campo, guardando os carneiros, correndo pelos prados em busca de borboletas, de flores e frutos silvestres que deixavam na bôca um sabor amargo.

Estudaram juntas as primeiras letras, e juntas fizeram a primeira comunhão, vestidas de branco como se fôssem noivas. Tudo o que dizia respeito à vida do campo, as semeaduras, as colheitas, tudo fizeram juntas, ambas muito bonitas, joviais, alegres, ambicionadas pelos rapazes da cidade e de outros lugares. Mas o tempo foi passando, outras épocas sobrevieram, outros costumes, sucederam-se outros nascimentos e outras mortes. Muitas vêzes eu desejava ter junto a mim uma pessoa amiga, uma menina como eu, uma garôta que fôsse para mim o que tinham sido Manoue e Anais para si mesmas, uma amiguinha que me tratasse, que de mim gostasse como se fôssemos irmãs. Eu acreditava que, com uma pessoa assim, teria eu um elemento novo em minha vida. Mas, se nada acontecia, era talvez por causa de algo que me desgarrava da sociedade. Encostada ao seu avental, eu caminhava meio oculta na sua saia, e sentia que subiam de seus grandes bolsos, um cheiro misturado, uma confusão de odores, que me faziam recordar de Manoue, em cuja saia de bolsos imensos eu costumava mergulhar a mão para ver o que havia lá dentro, esperando encontrar, talvez um pedaço de açúcar.

Depois de amarrar a cabra ao pé de uma groselheira, Anais volta ao forno. Já se ia fazendo tarde.

Diante da porta outras mulheres velhotas conversavam sentadas de tal maneira que suas cabeças chegavam até aos joelhos.

O sol, em seus últimos raios, iluminava e coloria com suas chamas vivas, as cabeças dessas velhinhas já curvadas sôbre os pés, como rosas fanadas pelo tempo, e que já não mais pareciam aquêles botões de amor dos velhos tempos. As pessoas mais jovens já se haviam ido.

— Ah! Bertillotte! Abandonaram-na, minha filha!

E eu vi que todos riam.

Malique já não estava ali, mas eu quis esperá-lo, pois não seria possível que êle se fôsse e me deixasse com o encargo de voltar para casa com um tal carregamento de pão.

— Para que lado foi Malique?

Uma das velhinhas, depois de tossir, me indicou:

— Oh! Êle foi lá para baixo, ali pelo lado das árvores.

Eu me fiquei em pé, por longo tempo, diante da bôca do negro forno, em cujas profundezas eu via o fogo crepitar lançando aos ares, como que furioso, suas labaredas de ouro.

Muito magra, Anais se agitava para lá e para cá, como um diabo esguio, à cabeça um barrete escondendo as madeixas escassas. Em seguida, ela apanha os pães e coloca o saco em minhas costas, e eu tive que voltar para casa, completamente sòzinha, tamanqueando pela estrada.

À medida que eu alcançava o tabuleiro, as quebradas se tornavam mais escuras e o céu se ia vestindo com as côres da noite.

Capítulo IV

Manoue não quis nunca mandar-se à escola em companhia de outros meninos e meninas. Nós morávamos muito longe de tudo, e não foi sem muito trabalho e ameaças que ela conseguiu ensinar-me letras e palavras da velha cartilha que lhe pertencia desde muito. Manoue persistia e suspirava, quando eu não compreendia as coisas. Entretanto, ao chegar o dia de minha primeira comunhão, o velho cura vem até a nossa casa numa manhã, lenço à mão, belo lenço cheio de listras azuis, e, na outra um grande bastão de bambu E me perguntou:

— Você sabe o catecismo e a aritmética, Bertille?

Eu devia saber; mas respondi sem nenhum acanhamento, cabeça erguida:

— Não sei nada disso. Manoue diz que é melhor saber trabalhar na roça, plantando batatas, e remendar as meias do que isso.

— Que mentira! — gritou ela, alarmada com a minha indiscrição. — Mas, senhor cura, essa menina sabe tôdas as orações melhor do que as outras crianças, estou certa disso.

O bom vigário sorriu e me acariciou as faces com as suas mãos grossas.

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



— Está bem, está bem, Bertillotte. Você tem razão, filha. A ciência não é nada bom para a alma. Há um livro, grande livro do nosso bom Deus, que diz: "Deixem a ciência, a ciência que envaidece e que nutre o orgulho..." E' preferível guiar os bois nos campos de trabalho. Entretanto, já é tempo de pensar na sua primeira comunhão.

Ah! A primeira comunhão! Eu enrubesci de prazer e de ansiedade! Ver-me vestida de branco, como uma noiva, vista pelo povo de tôda a cidade, entre flores, velas acesas, festa por todos os cantos, e, sobretudo, receber a hóstia, o corpo do Senhor, sem que os dentes o toquem!

Manoue falava ao padre:

— Sim, sim, sr. cura, já é mesmo tempo de pensar na primeira comunhão dela, embora ainda seja muito criança. Antigamente, no meu tempo, a gente fazia a comunhão muito mais tarde. Havia razão para isso, talvez; mas também bem menos inocência.

— E' necessário ensinar-lhe um pouco de catecismo. Agora que os dias são mais longos, ela pode comparecer à igreja quando terminar o jantar. Eu lhe ensinarei fatos da História Sagrada e tudo o que fôr preciso saber sôbre os sacramentos. Ficaremos no jardim. Ela poderá ver os passarinhos e Ballerine cuidar da horta. Creio que irá gostar muito.

— O senhor é muito bondoso, padre.

Então, tôdas as tardinhas, Manoue escovava minha sainha, penteava meus cabelos e lá ia eu até Maxou. Algumas vêzes eu levava uma salada, um potinho de geléia, e, quando a colocava no prato, eu percebia os olhares brilhantes do bom vigário, que parecia lamber-se por dentro de tanta vontade de saborear meu lanche. E me dizia:

— Coloque-o lá no "buffet" da cozinha. Eu tenho disso como sobremesa durante tôda a semana.

A casa do vigário era a mais bela da região, mas, também, a mais antiga.

(Cont. no próximo número)



— Está bem, está bem, Bertillotte. Você tem razão, filha. A ciência não é nada bom para a alma. Há um livro, grande livro do nosso bom Deus, que diz: "Deixem a ciência, a ciência que envaidece e que nutre o orgulho..." E' preferível guiar os bois nos campos de trabalho. Entretanto, já é tempo de pensar na sua primeira comunhão.

Ah! A primeira comunhão! Eu enrubesci de prazer e de ansiedade! Ver-me vestida de branco, como uma noiva, vista pelo povo de tôda a cidade, entre flores, velas acesas, festa por todos os cantos, e, sobretudo, receber a hóstia, o corpo do Senhor, sem que os dentes o toquem!

Manoue falava ao padre:

— Sim, sim, sr. cura, já é mesmo tempo de pensar na primeira comunhão dela, embora ainda seja muito criança. Antigamente, no meu tempo, a gente fazia a comunhão muito mais tarde. Havia razão para isso, talvez; mas também bem menos inocência.

— E' necessário ensinar-lhe um pouco de catecismo. Agora que os dias são mais longos, ela pode comparecer à igreja quando terminar o jantar. Eu lhe ensinarei fatos da História Sagrada e tudo o que fôr preciso saber sôbre os sacramentos. Ficaremos no jardim. Ela poderá ver os passarinhos e Ballerine cuidar da horta. Creio que irá gostar muito.

— O senhor é muito bondoso, padre.

Então, tôdas as tardinhas, Manoue escovava minha sainha, penteava meus cabelos e lá ia eu até Maxou. Algumas vêzes eu levava uma salada, um potinho de geléia, e, quando a colocava no prato, eu percebia os olhares brilhantes do bom vigário, que parecia lamber-se por dentro de tanta vontade de saborear meu lanche. E me dizia:

— Coloque-o lá no "buffet" da cozinha. Eu tenho disso como sobremesa durante tôda a semana.

A casa do vigário era a mais bela da região, mas, também, a mais antiga.

(Cont. no próximo número)

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária







37 Depois de vários dias na capital da ilha de Tahiti, os disputantes se prepararam para mais uma etapa. Mas era tal a hospitalidade dos habitantes dessa ilha, que êles estavam em dificuldades para deixar o pôrto. Quando Rob estava prestes a dirigir-se ao mar alto, viu que uma flotilha de botes se dirigia para seu iate. Embora não compreendesse a língua dos nativos, êle percebeu o que lhe diziam as jovens que estavam acostadas ao seu barco. Vinham oferecer-lhe presentes de despedida. Êle convidou-as a visitar o "Liberty II", e agradeceu as frutas que dariam para muitos dias de viagem.







38 O próximo pôrto seriam as ilhas Cook. Larry, que ainda não havia conseguido uma só vitória nas travessias anteriores, resolveu ganhar esta que se iniciava. Para isso era necessário arriscar-se muito, saindo do pôrto a todo pano, com tôdas as velas enfunadas. O canal não permitia essa aventura, pois era estreito e cheio de recifes. Normalmente, os navegantes saíam cautelosamente, em marcha lenta. Quando os outros disputantes viram as manobras perigosas de Larry com o "Memphis", não puderam reter uma exclamação de surprêsa, tendo Brookfeller elogiado a perícia do nauta.







39 O "Memphis" atravessou o canal garbosamente, ajudado pelo bom tempo e ganhou o mar alto. Dias depois, numa noite, o pilôto de observação que ia com êle notou luzes numa costa. Era estranho, pois que não podiam ir naquela direção. Larry se mostrou perplexo, sem poder compreender o que sucedia em sua rota. Com certeza seria uma das ilhas de Tubuial, o que provava estar o "Memphis" muito desviado de sua rota. Examina os aparelhos de navegação e os acha em ordem. Não pode censurar o seu pilôto. Mas, logo após, descobre que alguém lhe havia pregado uma peça, alterando as escalas.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — O Cap. Rob, tendo vencido uma regata em S. Francisco, aceitou o desafio do milionário John Brookfeller e, em companhia de seu cão "Skip", fêz-se ao mar pilotando seu iate "Liberty II". Para fazer jus ao prêmio de 500 mil dólares, instituído pelo milionário, era preciso que o vencedor chegasse primeiro a uma cidade da Holanda, atravessando o Pacífico. A primeira etapa correu em paz, tendo Rob vencido. Daí por diante, em virtude de estar competindo também um elemento de mau caráter, Larry, começaram a surgir vários acidentes inexplicáveis, inclusive o incêndio de um dos barcos competidores. Na segunda etapa também houve desarranjo no "Liberty II", mas Rob aportou a uma ilha e descobriu a causa. Alguém avariara o casco de seu iate. Em face disso, o "Liberty II" chegou atrasadíssimo. Rob narrou o acontecido a John Brookfeller, o qual se mostrou impressionado, sem saber a quem atribuir o atentado. Mas, contra Larry também agia um seu ex-tripulante, Bill, que jurara vingar-se dêle.







40 Em face dêsse contratempo, foi o "Memphis" forçado a dar enorme volta, chegando à quarta etapa com 24 horas de diferença, ao pôrto de Raratonga, onde já os outros estavam ancorados. Ali os navegadores se reuniram e cada qual fêz seu relatório da travessia, tendo Nils, do "Viking", declarado que fôra sua melhor etapa. O milionário o felicita e elogia o barco do norueguês. E termina dizendo: "Não me surpreenderei se lhe couber o prêmio, Nils!" Larry presencia o fato e começa a arquitetar um atentado contra êsse perigoso competidor. Êle ambicionava os quinhentos mil dólares, fôsse como fôsse.







41 E Larry põe em execução o seu plano sinistro. Entregou ao seu comparsa Jojo uma tesoura de cortar ferro, e, logo que a maré encheu, o criminoso, excelente mergulhador, foi até à corrente da âncora do "Viking" e cortou um dos elos. Em seguida voltou à margem. Rob e Nils estavam passeando pela ilha, quando viram o que sucedia com o "Viking". Estava ao léu, indo diretamente de encontro a uns rochedos. Ràpidamente, pediram socorro a Brookfeller, o qual, dispondo de uma lancha, levou-os até lá procurando salvar o veleiro de Nils, que estava apenas com um tripulante a bordo.







42 De bordo da lancha de Brookfeller, que corria a tôda velocidade em direção do barco desarvorado, Nils, Rob e o milionário estavam com o coração opresso, vendo o "Viking" cada vez mais se aproximar dos rochedos, onde teria que bater, chocando-se violentamente jogado pelas ondas, que estavam muito fortes. De súbito, uma vaga mais volumosa quase o faz submergir, enquanto o homem que está a bordo procura heròicamente mantê-lo direito enquanto chegam os seus salvadores. O marujo lança ao mar uma âncora que havia sobressalente, conseguindo deter a marcha para a morte.



A GARGALHADA DO DESTINO

O desfecho fôra imprevisto. Mário esperava outra reação do amigo! Não previra que ao ouvir sua demonstração de audaciosa sinceridade, o Carvalhais se voltasse para êle com aquela expressão jocosa de quem estava achando algo muito divertido.

Afinal, o assunto era sério e sua lealdade precisava ser levada em consideração. Eram amigos havia tantos anos! O Carvalhais fôra seu eficiente introdutor no mundo dos negócios. Juntos tiveram vários êxitos que muito reforçaram aquela amizade um tanto disparatada pela diferença de idade entre êles. Mas, nada disso importava, desde que a mocidade de um não era ostensiva a meia idade do outro. Havia entre ambos um equilíbrio emotivo que fazia parecerem irmãos.

Quando Carvalhais se casou, Mário estava ausente. Tinha ido para a guerra, estava na Itália. Foi um casamento rápido, sem alaridos sociais. Luisa era uma jovem pobre. O pai havia falido recentemente, perdera o negócio com que mantinha a família. O noivado da filha com o velhote que se apresentara como credor, foi recebido como dádiva da providência divina! A própria jovem não manifestara a mínima objeção. Foi sorrindo que aceitou a insinuação dos pais. Não pensou no amor que ainda não despertara para ela, nem comparou a diferença de idade do futuro marido. Casaram-se e pronto.

Ao terminar a guerra, Mário regressou à pátria e então conheceu a jovem espôsa do amigo. Nada de importante ocorrera nos primeiros tempos. A vida de todos três seguia o ritmo normal. Até que por uma dessas diabruras do destino, a jovem Luisa passou a distinguir o amigo do marido com certas gentilezas caracteristicamente femininas.

Talvez que ela não tivesse intenções pecaminosas. Seu feitio moral não a tornava capaz dessa espécie de traição. Além disso, tinha outras credenciais para se manter honesta. O Carvalhais, apesar de mais velho, era um marido adequado para o seu temperamento. E depois, ela não tinha a tentação de ser bonita. Embora estivesse em plena mocidade, não possuia a exuberância ostensiva que as mulheres sabem demonstrar quando querem seduzir. Luisa, era por assim dizer, uma água morna. Ou então deveria ser uma perfeita hipócrita!... Mas isso deixava dúvida a respeito.

Deve ter sido enlevado por essa dúvida, que o Mário acabou por se deixar seduzir. Quando quis reagir, era tarde... A espôsa do amigo tomara conta de suas emoções!... Lutou desesperadamente contra aquêle impulso sentimental que escravizara seu conceito de lealdade. Mas, a tortura foi longa e acabou por vencer a resistência de suas boas intenções. Tudo na vida tem um limite. E Mário já não podia resistir mais.

Certa noite, quando estavam todos se divertindo numa festa, êle levou Luisa até o terraço e foi franco para com ela.

— Sabes de uma coisa? Estou resolvido a falar com teu marido sôbre o nosso amor.

— Estás Louco, Mário!... Então não imaginas qual será a reação dêle ao ouvir tua revelação?

(Continua na pág. 46)

Texto de PAULA LOPES

Ilustração de GIL RIBEIRO

Bodas de Prata

Na intimidade do casal Carlos Luz uma recepção simples e distinta





O Sr. Carlos Luz e Sra. agradecendo um brinde que lhes fêz o Sr. Nereu Ramos. Na foto à esquerda tôda família Carlos Luz reunida neste flagrante em que se vê o único neto do casal

SEGUE

Senhora René Levy, Senhora Énio Jardim, Senhora Álvaro Castelo Branco e Senhora José Silva Oliveira.



Senhora Pereira Lyra, Senhora Gratuliano Brito, Senhora Olinto da Fonseca.



Da es
ta: Sr
tenor
Delfin
galhã

Sra
gas

NO dia trinta de junho próximo passado o Sr. Carlos Coimbra da Lu e sua Exma. Senhora D. Graciema Coimbra da Luz abriram os salõe de sua residência à rua Siqueira Campos, em Copacabana, para receber os cumprimentos de quantos têm o prazer de desfrutar a amizad do ilustre casal patrício que, naquela data, festejava as suas boda de prata. Além de muitos cumprimentos enviados por correspondênci o Sr. Carlos Luz e família receberam homenagens não apenas em su residência, mas também por ocasião da missa congratulatória que s realizou.

Homem público dos mais eminentes, o Sr. Carlos Luz, ainda muit moço, depois de exercer a advocacia no seu Estado natal, Minas Gerai ingressou na vida pública para ocupar os mais evidentes postos n âmbito estadual. E logo passou dali para as mais elevadas funçõe e cargos no cenário nacional onde tantíssimas vêzes, nas missões ma diversas, tem positivado o seu valor cultural e moral ao lado de um inegável capacidade de ação que se faz sentir igualmente em atividade privadas e sociais.

Mas todo êxito da vida do Sr. Carlos Luz também tem encontrado su razão de ser na compreensão que, no lar feliz, existe proporcionand as virtudes de sua Exma. Sra. D. Graciema Coimbra da Luz em cu personalidade tanto realçam as virtudes da mulher mineira. Durant a recepção, que é objeto dêste registro, o casal patrício se desdobr em atenções para com todos aquêles que tiveram a grata oportunidad de ir ao encantador apartamento do "Edifício Albatroz".



Senhora Miranda Jordão e Senhora Moacir Briggs.



De frente, a Senhora Gustavo Capanema.



Sra. Negrão de Lima, Srs. R. Levy e A. Amarante

Da esquerda para a direita: Srs. Aleixo Lustosa, Antenor Billio, Simões Filho, Delfino Lustosa, Luiz Magalhães e Castelo Branco.



Sra. Paulo Pinheiro Chagas e Sra. Paulo Gentil.





O Sr. Ricardo Jaffet segreda qualquer coisa ao Sr. Negrão de Lima.

bra da Lu
m os salõe
para rece
a amizad
suas boda
spondência
nas em su
ria que s

ainda muit
inas Gera
postos n
das funçõe
nissões ma
do de um
atividade

ontrado su
porcionand
uz em cu
ra. Duran
e desdobra
portunidad



A. Amarante



Senhora Antônio Botelho e Senhora Moraes e Barros



Dois flagrantes tomados na Praça Barão de Drumond: Vê-se a massa humana que afluiu e se comprimia para ouvir nossos mais afamados cantores de rádio.



SERENATA A NOEL ROSA

Texto de MILTON SALLES — Fotos de ARNALDO VIEIRA



No seu piston, "Japonês" soprou com vontade e com sensibilidade, arrancando vibrantes acordes que eletrizaram a densa assistência.

ESTUDOU AO LADO DE MUITA GENTE QUE HOJE E' FAMOSA ★ MORTO HÁ 15 ANOS, NOEL ESTÁ MAIS VIVO DO QUE NUNCA ★ O QUE HÁ COM A CASA EM QUE VIVEU

NOEL Rosa é, por assim dizer, um caso virgem em nossa música popular. Sambista até a medula, dedicando-se apenas ao gênero preferido do povo, êle não é só lembrado com saudades pelo grande público, mas também pela elite, que o reverencia carinhosamente como um grande compositor. Por isso, as músicas do "poeta de Vila Isabel" continuam vivas e admiráveis.

O filósofo do samba foi um dêsses casos invulgares de precocidade musical. Muito novo ainda sentiu o fascínio da música, qualquer espécie de música, fôsse qual fôsse, e amava os instrumentos musicais como se amasse um ente querido. Assim, muito jovem, passou a freqüentar as rodas boêmias do "boulevard" de Vila Isabel, mais pelo prazer de apreciar os músicos que abundavam naquele logradouro do que pela boêmia. Na mesma época em que o pai, com sacrifício, matriculava-o no Ginásio São Bento, onde teria oportunidade de estudar ao lado de muita gente que hoje em dia é famosa, Noel começou a aprender a dedilhar o bandolim, um dos instrumentos de cordas que êle namorava há muito. À medida que se desenvolvia o seu físico franzino e um leve buço começava a sombrear-lhe a face, começou a gazetear, a "matar" aulas para freqüentar as lojas de piano, onde se reuniam os mais festejados músicos populares. Desde essa época, deixou de lado o bandolim, trocando-o pelo violão, que seria o seu grande e inseparável companheiro nas noites de serestas e fora delas.



SEGUE

Uma lembrança do saudoso cantor: — Noel Rosa e sua espôsa, Senhora Linda Rosa, numa fotografia feita no dia de seu casamento. O menestrel da Vila viveu para a arte e para o amor.



A flauta de Plinio Paes Leme se esbaldou... Tocou lindas harmonias. Não envelhece nunca.



Eusébio Rocha — o rei da cabaça — se empolgou de verdade na batucada, que foi espetacular.



[illegible] que Dario Tavares, solando ao violão, queria ver Noel Rosa debruçado no céu.



O garôto se espantou com o "flash"... O clarinetista arranca emoções numa execução perfeita.



Plangem os violões e os cavaquinhos em homenagem a Noel Rosa: Rosalvo Vieira, violão; Nininho, cavaquinho; Cruz, bandolim; Paraguai, cuíca, Hélio, violão.

Terminado o curso ginasial, matriculou-se na Faculdade de Medicina. São dessa época as suas primeiras composições. A primeira homenagem ao bairro em que nasceu e morreu foi o seu primeiro sucesso: "Eu vou pra Vila". Depois, numa seqüência de fazer inveja ao mais fértil fabricante de melodias populares, ora fazendo a letra, ora fazendo a música, começaram a surgir os seus deliciosos sambas: "O orvalho vem caindo", "Palpite infeliz", "Século do progresso", "Último desejo" e muitos outros que ainda hoje são ouvidos com o mesmo agrado.

Em 1932 o fabuloso Noel abandonou definitivamente a Faculdade de Medicina, embora faltassem apenas dois anos para completar o curso. A partir daí passa a viver inteiramente dedicado à música que êle amou desde cedo. Freqüenta a roda boêmia de compositores. E uma coisa nova, — o rádio —



Ernâni tocando o seu trombone de vara com um entusiasmo de fôlego, durante a homenagem prestada à memória do saudoso seresteiro numa serenata de doce saudade.





Donaldson Gonçalves substituiu Francisco Alves e cantou com alma interpretando vários números que agradam imenso ao público presente.

Apesar de Araci de Almeida ser a intérprete maior da música de Noel Rosa, Linda Batista, também grande intérprete do samba, não lhe fica atrás.

assunto obrigatório de tôdas as conversas, começa a exercer forte influência sôbre "o poeta de Vila Isabel". Êle não resiste. Levado por Almirante, João de Barro e outros, debuta no "broadcasting". Apesar de sua voz esquisita, consegue ganhar a simpatia do público ouvinte, interpretando suas criações acompanhando-se ao violão. Na mesma época, perpetua na cêra alguns dos seus maiores sucessos, como "Com que roupa?" e outros clássicos da nossa música popular.

Noel Rosa, porém, era um boêmio inveterado, que adorava voltar à sua querida rua Teodoro da Silva para recolher-se, quando o sol ameaçava nascer no horizonte, após noites de serenatas em companhia de amigos. Vivendo uma vida irregular e extravagante, de constituição franzina e alimentando-se mais de música nas suas noites de intensa boêmia do que

(Cont. na pág. 48)



Mavioso concêrto: Nininho e Zizinho — tudo em inho — tangem os cavaquinhos.



À esquerda, Almir, o caixa, Marilu Pereira, ao centro, e Pereira Filho no violão.

INVERNO



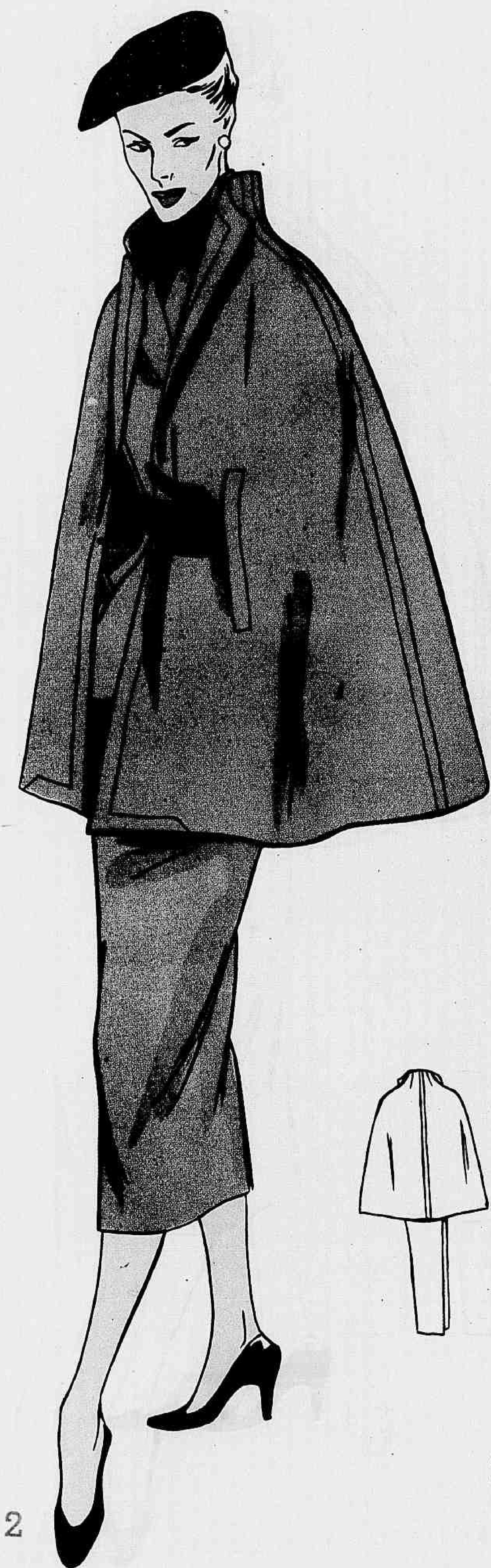
1 COSTUME PRÁTICO E 2 CASACOS ORIGINAIS

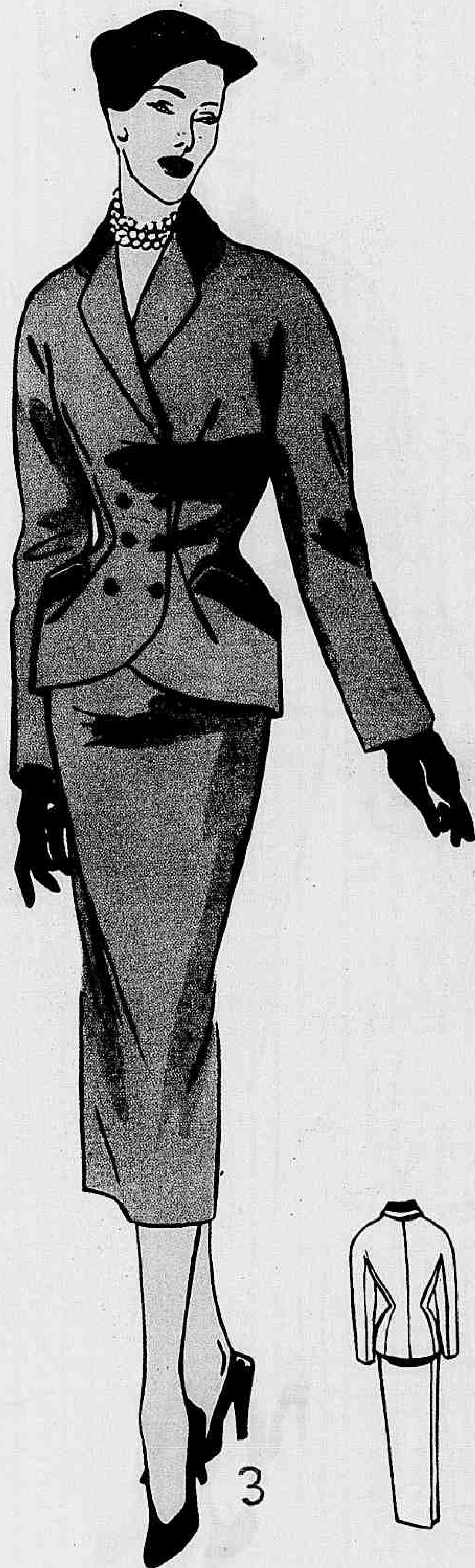
1 — *Casaco que parece um "robe-tailleur", em draps, com gola e punhos em marta, cinto de camurça.* 2 — *Costume em troced claro, de linha prática e justa, com gola e botões forrados de veludo.* 3 — *Amplo casaco inspirado de tendência moderna, ao qual poderá fàcilmente ser acrescentada uma "martingale".* **(Diag. na pág. 42)**

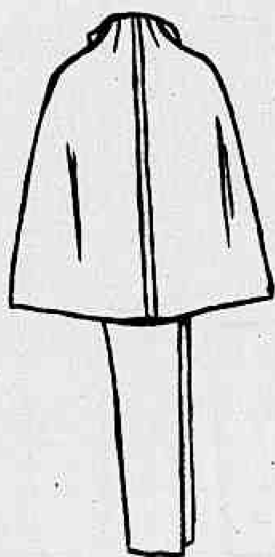
MUITO FRIO



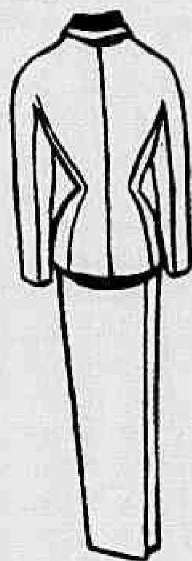
Um rico casaco e um faceiro costume com capa







3



Na página ao lado: um casaco de requintada elegância, em tafetá grosso, todo forrado de pele, acompanhado de um "manchon" e de um "toque" da mesma pele. O mesmo modêlo pode ser executado em lã com fôrro de sêda. Em cima: muito gracioso, êste costume em boa lã, tem a gola e os bolsos guarnecidos de veludo. E' completado por uma capa reversível na mesma lã. **(Diag. na pág. 43)**

A BOTIJA

Conto de MARIA JOSÉ DA SILVA

Ilustração de M. QUEIROZ

MEU avô Nascimento era da Bahia. Todos os da família, mesmo os que não eram seus netos, chamavam-no de Vovô Capitão. Ainda estou a ver êsse velho que parecia estar sempre zangado. Mas, quem chegava a conhecê-lo melhor, descobria que aquilo era para uso externo... Destinava-se a esconder dos estranhos a sua efusiva bondade. Êle tinha muitos filhos. Lembro-me de dois: Silvano e Virgínia. José de Souza, velho descendente dos holandezes, era seu amigo. Fazendeiro muito rico em terras e gado. Tinha apenas dois filhos, Manoel e Laurinda. Agora vou contar duas histórias de amor. Vejam bem: de amor. Não são, como os vizinhos disseram, a bôca pequena: a união do pé de meia dos Nascimentos com a fortuna considerável dos Souzas...

Certo dia, Manoel de Souza, deixou suas terras, atravessou taboleiros e riachos e, encontrando-se em Cícero Dantas foi fazer uma visitinha a Vovô Capitão, pois sabia que êle era amigo de seu pai. Para isso, tornou a montar a cavalo e tocou para a fazenda Pau-Santo, que ficava numa garganta formada pelo Raso do Santo e o chapadão de Serra Grande. No caminho, alcançou uma jovem amazona que ia a galope. Aproximou-se dela. Era linda. Tinha os cabelos longos e negros, olhos vivos, rosto côr de jambo, levemente afogueado pelo exercício.

— Prá onde vai? — perguntou êle.

— Volto prá casa... — respondeu a moça.

Por mera coincidência, embora não pudessem adivinhar, iam com o mesmo destino. Manoel espicaçou o animal e adiantou-se, perdendo-a na primeira curva. Chegou à fazenda. Deixou a montaria no terreiro, amarrado no oitão e subiu depressa ao alpendre, onde Vovô Capitão, de incrível mau-humor, apertava os olhinhos míopes para atinar quem fôsse a visita. Mas, ao reconhecer o rapaz, mudou logo de atitude. Foi um festão para êle!

Estavam os dois conversando quando a amazona chegou ao terreiro, saltou da sela, entregando o animal a um pataqueiro que passava e correu para junto do pai. Vovô Capitão apresentou-a à visita:

— Virgínia, minha filha.

E, virando-se para o jovem que se havia levantado e sorria talvez da coincidência de a ver ali, disse a Virgínia:

— Conhece o Manoel, filho do meu amigo José de Souza?

Dali a pouco os dois jovens estavam íntimos. Atendendo ao convite de Vovô Capitão, o rapaz ficou hospedado na fazenda. Na semana seguinte ou pouco mais, concertaram casamento. E dois meses decorridos contraíram núpcias:..

O casamento realizou-se ali mesmo, na fazenda Pau-Santo, com a presença dos Souzas e muitas famílias amigas. No salão de adôbos vermelhos e janelas quadradas, sem vidraças, foi armado um altar resplandecente de luzes. Depois da bênção do vigário, começou lá fora a zabumbada dos prêtos, filhos e netos dos antigos escravos da fazenda. Os lundus e os desafios entre violeiros. Foi uma festança inesquecível. Ninguém falou senão nesse casamento.

Virgínia passou a ser, mais do que antes, uma mulher admirada. Tinha conquistado aquêle rapaz que as moças da Bahia tanto ambicionavam. Ela e o marido, no entanto, não pensaram nisso; pensaram apenas que o seu grande amor se perpetuaria através dos anos... e dos filhos.

Nas festas dêsse casamento, Silvano Nascimento e Laurinda de Souza vieram a conhecer-se. A conhecer-se e a amar-se. Dali a poucos meses, a fazenda do Pau-Santo estava novamente em festa: realizava-se ali um novo casamento, o dêsses dois jovens.

Laurinda e meu tio Silvano, depois de casados, foram morar ali perto, na fazenda dela, em Curaçá. A espôsa tomou conta da casa com mãos de mulher que ama e Silvano entregou-se ao trabalho, dirigindo sàbiamente o que era seu e da querida companheira. Foram enriquecendo ainda mais, ainda mais...

Anos depois, quando já tinham deixado de esperar uma prole que não vinha, Laurinda chegou-se ao marido e contou-lhe uma coisa ao ouvido... Êle todo se alegrou. E levou muito a sério a sua condição de futuro pai. Tanto assim, desceu ao terreiro, tocou a busina e quando campeiros e pataqueiros vieram saber do que se tratava, anunciou:

— Hoje é dia de folga na fazenda!

— Por quê, patrão?

— Isso é cá comigo...

(Continua na pág. 46)

EIROZ

uém fa-

e antes,
quistado
nto am-
nto, não
e o seu
s anos...

o Nasci-
a conhe-
Dali a
to esta-
ali um
s.

de casa-
da dela,
da casa
vano en-
mente o
. Foram
s . . .
ixado de
Laurinda
na coisa
vou mui-
ai. Tan-
a busina
eram sa-

g. 46)

VIDA INTENSA



Flagrante de uma das cenas do "Minute de la Verité", na qual vemos Jean Dellannoy à máquina; na outra foto: — Jean Gabin Jean Dellanoy e Michele Morgan num grupo de jornalistas e correspondentes, vendo-se o desta Revista.



NOS ESTÚDIOS DE PARIS

REPORTAGEM DE **DANILO RAMIREZ**

SEGUE





Uma das boas cenas do novo filme francês, ainda em filmagem, "Les Belles de Nuit", com Gerard Philipe.

PARIS, Maio

RODAM dia e noite nos estúdios de René Clair. Rodam sem parar, obedientes, porém, aos horários de serviço, aos horários que o diretor estabelece numa papeleta que está à porta da entrada principal.

René Clair, quando ensaiando, parece estar apenas conversando com os seus artistas. E quando chega a hora de rodar e a "claquete" bate à frente da objetiva, a fisionomia do mestre se modifica para uma expressão de austeridade. Silêncio geral e apenas o ruído surdo da máquina girando, girando, a gravar, dentro do seu bôjo, o que Gerard Philipe, Martine Carol e Gina Lollobrigida fazem à sua frente.

O MESTRE

O mestre que, em 1921, começou modestamente, sem ninguém saber quem era, é hoje um dos maiores nomes da França. Do discreto ator que atuava na película de Feuillade, hoje René Clair é o mestre duma geração de diretores, de artistas, de homens do cinema na Europa, no mundo.

René Clair ensaia, êle mesmo, seus artistas. Ensaia cada parte, demoradamente, sem corre-corre, sem atropelos. Seu interêsse é o resultado final, onde, na tela, encontramos uma obra de arte.

RODAM

"Les Belles de Nuit", ora em rodagem sôbre um cenário original de René Clair, com Gerard Philipe e Martine Carol nos principais papéis, está sendo construído lentamente. Cada "take", cada instante do filme, é repetido trinta, quarenta vêzes, numa constante preocupação de bom resultado artístico.

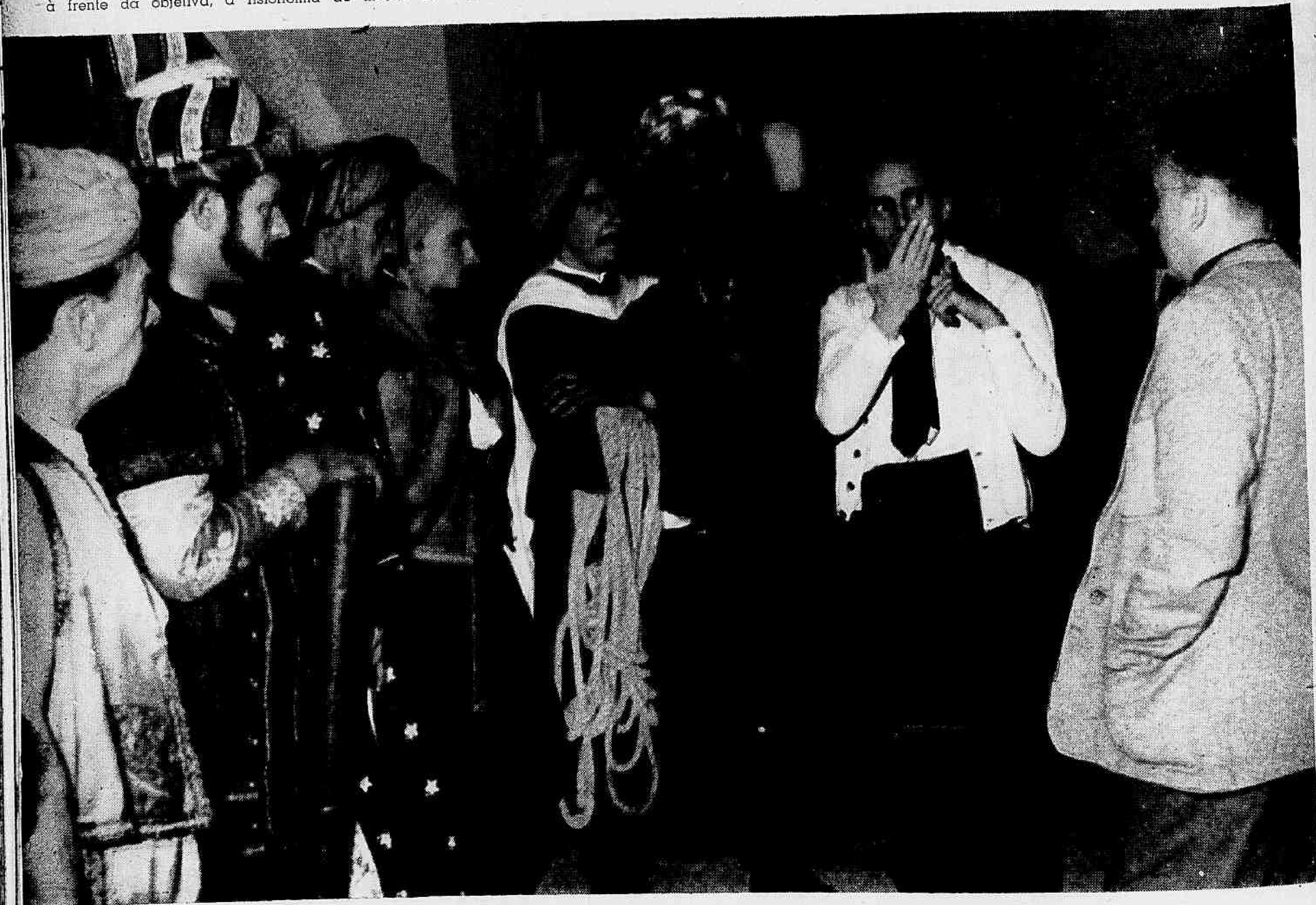
MÉTODO E ORDEM

Vimos, naquelas horas que passamos dentro dos estúdios, como o mestre é incansável, insatisfeito. E, sem um grito, sem um palavrão, sem um berro de raiva. Seus comandados obedecem serenamente, seguros, atenciosos às suas ordens. Não olham para os lados, não tentam demonstrar que são pessoas "inteligentes" e que já "sabem fazer tudo sem precisar de ninguém que os ensine". De Gerard Philipe, ao menor dos papéis, todos são obedientes, conscienciosos, e sabem o que devem fazer. Todos aceitam repetir as ordens do mestre vinte, trinta vêzes. O que interessa é a obra de arte, o final nas telas do mundo inteiro.

ECONOMIA PREJUDICIAL

Esta consciência profissional forma o artista, valoriza a arte e faz crescer o conceito de arte dum povo. Não queremos fazer paralelos. Primeiro porque no Brasil não podemos gastar mais de vinte ou trinta mil metros para uma produ-

(Cont. na pág. 50)



A cinematografia francesa vai ganhando cada vez mais fama e prestígio mundial; aqui vemos um de seus melhores diretores, René Clair, durante uma filmagem.

René Clair, agradavel e sempre bem-humorado, ensaia com Gerard Philipe uma cena de "Belles de Nuit", no qual o astro francês aparece com Martine Carol e a italiana Gina Lollobrigida.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 DE QUE FILÓSOFO SE DERIVA O PANTEISMO:

— Leibnitz?
— Schopenhauer?
— Spinoza?

2 COM QUE SOBERANO COMEÇOU A HISTÓRIA CONSTITUCIONAL DO BRASIL:

— D. João VI?
— D. Pedro II?
— D. Pedro I?

3 EM QUAL DESTAS DATAS PARTIU D. JOÃO VI PARA PORTUGAL:

— 26/ 4/1821?
— 7/11/1820?
— 30/ 5/1822?

4 A QUAL PERSONAGEM REAL FOI CONFERIDA PELOS BRASILEIROS O TITULO DE «DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL»:

— A D. Pedro II?
— Ao Príncipe Regente, D. Pedro?
— A D. João VI?

5 PEDRO I FOI IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL POR:

— Eleição?
— Aclamação?
— Nomeação?

6 QUEM INAUGUROU NO BRASIL A «FALA DO TRONO»:

— D. Pedro I?
— D. João VI?
— D. Pedro II?

7 A PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO BRASIL FOI:

— Outorgada?
— Produto de uma Constituinte?
— Ou copiada de outra nação?

8 QUAL A CONSTITUIÇÃO QUE SÓ ADMITIA EM CARGOS PÚBLICOS A PESSOA QUE FÔSSE CATÓLICA, APOSTÓLICA, ROMANA:

— A do primeiro reinado?
— A do segundo?
— A republicana de 1891?

9 DE QUE PINTOR É O FAMOSO QUADRO «BATALHA DE AVAÍ»:

— Vitor Meireles?
— Pedro Américo?
— Parreiras?

10 QUANTAS NAÇÕES E TRIBOS INDÍGENAS HÁ NA ÁFRICA:

— Mil?
— 500?
— Mais de 2.000?

11 A QUE SE REFERE O NOME DE «ACAPULCO»:

— A um pôrto do México?
— A uma cidade do Uruguai?
— Ao nome de um rei asiático?

12 QUANTOS LITROS TEM UM «BUSHEL»:

— Vinte?
— Quarenta e dois?
— Cêrca de 36?

13 QUAL O NOME TODO DO ESCRITOR BERILO NEVES?

— Berilo de Alcântara Neves?
— Berilo da Fonseca Neves?
— Berilo Neves da Fonseca?

14 EM QUE ESTADO FICA A CIDADE DE GARANHUNS:

— Na Paraíba
— No Ceará?
— Em Pernambuco?

15 EM QUE ANO MORREU O BARÃO DO RIO BRANCO:

— 1910?
— 1911?
— 1912?

(Respostas na página 48)

CONVERSA DE MULHER

NOITE



AO cair da tarde há uma passagem que é de transição absoluta do dia para a noite. Nesse instante tudo é diferente. O movimento dos veículos e das pessoas se acelera, como num filme passado demasiado ràpidamente. Os cheiros da cidade se intensificam, se isolam nos seus últimos variados gritos de calor, para logo se mesclarem na confusão do arrefecimento noturno da atmosfera. Acabou-se o dia, inicia-se a noite, uma aventura começa.

• Sombras imensas dançam nas luzes artificiais, uma vertigem perpassa. A metamorfose toca as naturezas mais receptivas. E' a hora de viver algo de novo, ou mesmo o velho de maneira nova. Sobretudo é a hora do amor que se esparrama no geral, se retrai e vibra no particular.

• Gente, coisas, ruas, montanhas, mares, o mundo cercam a pessoa consciente da importância do seu momento maior de solidão e liberdade e que busca se orientar para o prazer da vida num apogeu de sensibilidade. Em tôrno, a vida explode.

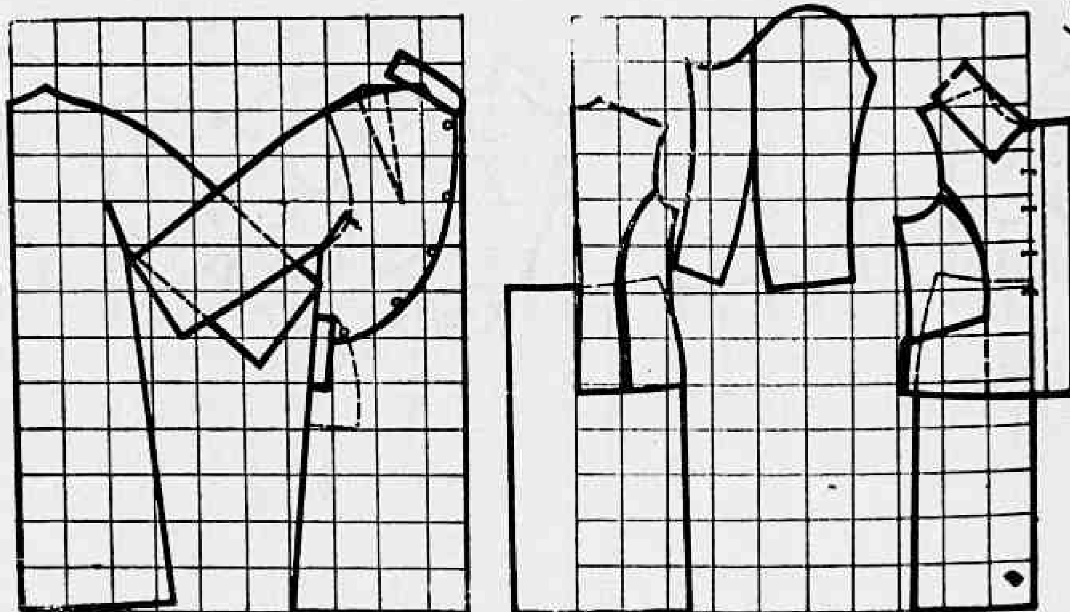
No bôjo propício da escuridão os impulsos iniciais atingem um êxtase feliz ou se chocam contra barreiras ou se desviam diante dos obstáculos súbitos, inesperados, alucinantes. O drama e o crime se desencadeiam, escalas desafinadas de pesadelo na sinfonia das trevas.

• A noite facilita, exalta, encobre. Os gatos são todos pardos depois que o sol se esconde, mas suas intenções são secretas e muitas vêzes antagônicas. Destinos se subvertem, revoluções espoucam.

....

• Uma aragem fresca e ampla varre a terra para que o dia surja limpo, úmido das abluções do orvalho. — **ISOLETTE**

DIAGRAMA DOS MODELOS DA PÁGINA 35



ROTINA DE BELEZA

CABELOS



Os seus cabelos podem mudar de côr como a senhora muda de vestidos, pois êste ano são grandes as novidades em pintura de cabelos. Tanto no que diz respeito aos tratamentos por profissionais em salões especializados como para rápidas transformações caseiras.

● Existem "shampoos" que ao mesmo tempo oferecem a possibilidade mágica de lavar e tingir num tom diferente do natural: como por encanto transformam cabelos grisalhos ou não na côr desejada. Por um capricho ou para favorecer a tonalidade do vestido, a mulher faceira pode atualmente modificar em poucos minutos a côr dos cabelos. O indispensável é fazer antes a experiência do produto com uma pequena mecha de cabelos, **em todo o seu comprimento.**

● Há também um preparado que se adiciona a um shampoo, sòmente para clarear o cabelo ou produzir uma dessas dramáticas malhas que as mulheres gostam agora de ostentar no topete.

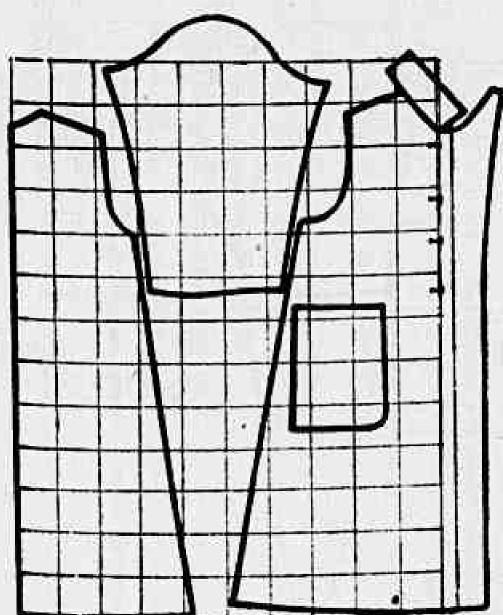
Êsse como os outros processos de descoloração exige muito trato para que os cabelos se conservem macios e sedosos, mas desde que haja êsse cuidado não é prejudicial.

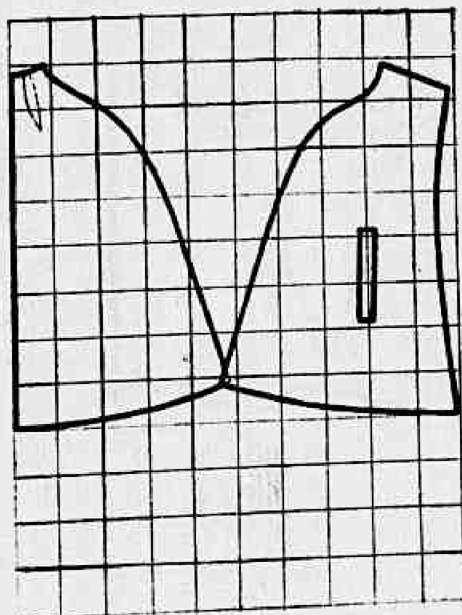
Com o calor, mesmo as cabeleiras naturalmente um pouco crespas exigem um bom permanente, só nas pontas, muito suave, para que o penteado se mantenha em ordem mesmo com as freqüentes lavagens de cabeça.

● As mulheres que fazem questão de uma aparência perfeita necessitam de dar uma atenção especial ao penteado, já que o penteado em ordem é o detalhe que mais se salienta numa pessoa que se cuida. Com a moda dos cabelos curtos, a escolha de um bom cabeleireiro para um corte sábio é muito importante, assim como é indispensável uma freqüência regular ao salão preferido para o corte. Já o "mis-en-plis", basta que seja feito uma vez por mês, ou duas, por profissional, e conservado em casa no mesmo estilo, tôdas as vêzes que a cabeça fôr lavada. E' claro que, para quem tiver meios e posses, o penteado feito por um cabeleireiro de classe, sendo mais artístico e mais cômodo, deve ser sempre preferido.

● Também é muito importante estudar a moda e adaptá-la ao próprio tipo de uma maneira inteligente, sem seguir excessivamente à risca o padrão geral ou o penteado da amiga mais admirada. Quanto aos preparados a que nos referimos para tingir de forma revolucionária os cabelos, não nos compete citar as marcas por não ter cabimento fazer propaganda nesta seção. Mas as casas especializadas poderão dar informações satisfatórias.

DIAGRAMAS DOS MODELOS DAS PÁGS. 35/36





PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 12

A	Encontremos	2	106	69	33	125	51	88
B	Que dão na vista	26	133	48	8	100	85	65
C	Alemães	1	129	90	60	25	113	
D	Balofos, inchados	13	42	102	38	81	72	
E	Flutuam	68	29	108	62	9		
F	Imóveis	11	112	71	66	94	110	
G	Atrevido, audaz	31	16	95	107	132	46	
H	Existências	130	119	50	22	14		
I	Que lança mau cheiro	122	59	27	43	24	84	70
J	Atrelo, prendo com engates	5	77	63	131	12	103	
K	O mesmo	28	45	37	52			
L	Muito ordinário	44	17	127	91	75		
M	Do lado de cá	47	15	10	111	23		
N	Homem muito esperto	58	128	7	124			
O	Potentados indianos	123	126	55	56	32		
P	Possuirão	120	116	99	93	61		
Q	Criaturas	39	92	118	96	41		
R	Magistrados supremos na antiga Veneza	73	109	78	98	54		
S	Estacas a que se liga a videira	74	6	97	53	57		
T	Capital, haveres	18	36	80	86	101	117	
U	Fruto do umbuzeiro	19	34	4	121			
V	Tabaco em pó para cheirar	115	79	104	76			
W	A universalidade do que existe	21	40	30	87			
X	Neste lugar	83	35	49	67			
Y	Insinuação indireta, motejo	20	105	3	64	89	82	114

■	C 1	A 2	Y 3	U 4	J 5	S 6	■	N 7	B 8	■	E 9	M 10
F 11	J 12	D 13	H 14	■	M 15	G 16	L 17	■	T 18	U 19	Y 20	W 21
H 22	M 23	■	I 24	L 25	B 26	I 27	K 28	E 29	W 30	G 31	O 32	■
A 33	U 34	■	X 35	T 36	K 37	■	D 38	Q 39	W 40	Q 41	■	D 42
I 43	L 44	K 45	G 46	M 47	■	B 48	X 49	H 50	A 51	■	K 52	S 53
R 54	■	O 55	O 56	■	S 57	N 58	I 59	C 60	P 61	■	E 62	J 63
Y 64	B 65	F 66	X 67	E 68	A 69	I 70	■	F 71	D 72	■	R 73	S 74
L 75	V 76	J 77	R 78	V 79	T 80	D 81	Y 82	■	X 83	■	I 84	B 85
T 86	W 87	A 88	■	Y 89	C 90	L 91	■	Q 92	P 93	F 94	■	G 95
Q 96	■	S 97	R 98	P 99	B 100	T 101	D 102	■	J 103	■	V 104	Y 105
A 106	G 107	E 108	R 109	■	F 110	M 111	F 112	■	C 113	Y 114	■	V 115
P 116	T 117	Q 118	H 119	P 120	U 121	I 122	O 123	■	N 124	■	A 125	O 126
L 127	■	N 128	C 129	H 130	J 131	G 132	B 133	■	■	Otaner-Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do **LIDERGRAMA**, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 11: LEON TOLSTOI — GUERRA E PAZ — «A relação entre a liberdade e a necessidade aumenta ou diminui segundo o ponto de vista sob o qual examinamos o ato, mas há sempre uma razão inversa entre ambas.»

FILHO, MEU FILHO

Texto e [illegible] DO MARTINA

[illegible] AGENS.

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FAB[illegible]
ZAIRA	LUIZA AL[illegible]
SOLANGE	LICIA [illegible]PO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

4º CAPITULO (Resumo da parte já publicada)

VARSOVIA caiu nas mãos dos alemães. Os civis foram mandados ao campo de concentração. Tambem os pais de Jean foram deportados. Mario consegue escapar com a criança, mas o caminhão, no qual viaja, é alvejado pelos nazistas. O tenente cai ferido, numa ladeira, com o filho dos Dupuis nos braços. Jean e Mario são salvos por João

NO DIA SEGUINTE...











































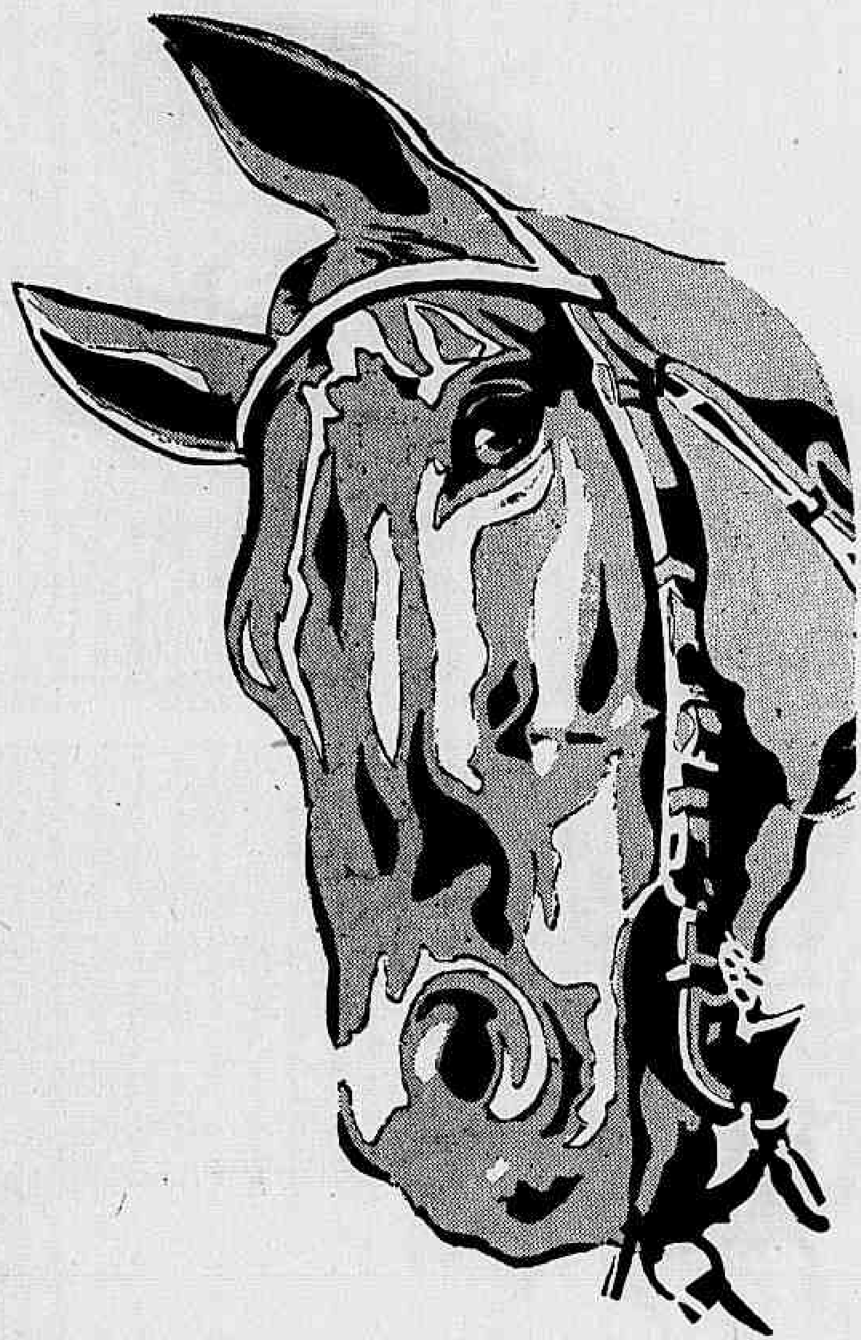






SWEEPSTAKE
1952

EM 3 DE AGÔSTO DE 1952



1º PRÊMIO... Cr$ 5.000.000,00
2º PRÊMIO... Cr$ 3.000.000,00
3º PRÊMIO... Cr$ 2.000.000,00
4º PRÊMIO... Cr$ 1.000.000,00

TOTAL DOS PRÊMIOS:
Cr$ 22.400.000,00

JOCKEY CLUB BRASILEIRO
com a cooperação da
LOTERIA FEDERAL

A GARGALHADA DO DESTINO

(Cont. da pág. 26)

Engraçado, as mulheres possuem senso prático e são capazes de muitas atitudes. Mas não fazem com a precisão masculina. Isso pode ser tendência de sabedoria. Porém, a indecisão não deixa de ser uma das características do sexo fraco.

Sabendo disso, Mário foi categórico no que decidira. Não pediu opinião nem esperou pela aquiescência de Luisa. Expôs seu plano com honestidade e se ela o amava como parecia, que se pusesse de acôrdo com a decisão tomada.

— Estou resolvido. Basta de embuste desarrazoado! Nosso amor é um crime!... Crime inocente, pois até hoje tenho mantido para contigo o respeito que tua situação requer. Porém, o Carvalhais não merece a nossa traição. Amanhã mesmo falarei com êle. Não me será fácil essa demonstração de coragem. Mas não quero que teu marido me julgue um canalha ao ter conhecimento do nosso amor.

Luisa não era vibrante nem impulsiva. Possuia uma placidez quase irritante. Outra qualquer mulher em seu lugar, teria objetado uma porção de tolices interessantes. Ela, porém, não disse nada. Era sempre assim... O silêncio era seu argumento mais forte, quaisquer que fôssem as circunstâncias. Nunca se dava ao trabalho de raciocinar. Deixava-se levar prazerosamente pela correnteza dos acontecimentos. Não se sabia quando era feliz nem quando sofria. A aparência estática era sempre inalterável.

No entanto, Mário a adorava com todo impulso de sua grande paixão.

Conforme combinara, no dia seguinte, após a festa, êle conservava a decisão tomada na véspera. Falaria com o Carvalhais logo que êsse chegasse ao escritório. Sua vida futura estava pendente da decisão do amigo. Qualquer que fôsse a reação, saberia defender o seu amor. Era injusto que o homem conservasse a seu lado uma mulher que não o amava! As leis aperfeiçoadas pelo progresso dos tempos, teriam de reconhecer êsse direito das relações humanas! Mas, enquanto não era reconhecido, êle seria uma espécie de predecessor... Daria o seu exemplo de sinceridade e honradez.

Sòmente depois do meio-dia, o Carvalhais apareceu no escritório. Estranhou que Mário estivesse à sua espera! Mas, despachou logo a estenógrafa e voltou-se para o amigo.

— Esperavas que eu viesse trabalhar antes do meio-dia?

— Estou à tua espera desde 11 horas.

— Ora, meu caro Mário, depois daquela festa de ontem não podia levantar-me cedo. Olhe bem para mim e veja que estou velho! De acôrdo com a legislação do tempo, tenho de pagar maior preço pelo direito de viver.

— Julgas-te tão velho assim?

Outras banalidades foram proferidas antes que Mário se encorajasse para dar início ao magno assunto. Finalmente, aproveitou-se da primeira oportunidade surgida! Foi categórico e explicativo. O nervoso estimulara sua eloquência!... Em poucas palavras esclareceu ao amigo que a origem de sua paixão por Luisa fôra motivada pela negligência com que êle a tratava como marido. Numa veemência patética, enumerou tôdas as fases do desinterêsse conjugal que havia observado. Que fôssem para o Inferno todos os preconceitos que escravizam as criaturas, que as tornam hipócritas!... Êle, pelo menos, fôra diferente. Tivera coragem para aquela confissão! Agora restava o veredicto de Carvalhais.

Êste ficara silencioso durante tôda revelação. Ouvira as vociferações do amigo, sem trair a mínima surprêsa ou estupefação. Apenas sorria... Sua expectativa sorridente era de quem aguardava pelo final de uma anedota para poder rir à vontade.

Diante da atitude de Carvalhais, Mário ficou meio confuso. Suas últimas palavras tiveram o tom gaguejante. E não era para menos. Tôda coragem de que dispunha fôra posta à prova!

Foi então que se deu o desfecho trágico que havia de marcar sua vida com uma triste recordação.

O Carvalhais ergueu o busto como se fôsse levantar-se da cadeira. Mário teve a impressão de que êle ia abrir a gaveta para tirar o revólver. O que, aliás, seria muito justo, embora vulgar. Mas tal não aconteceu. O amigo conservava o mesmo sorriso de mofa com que ouvira a confissão. Apenas ponderou um agradecimento pela lealdade e acrescentou num desabafo divertido:

— Que sejam felizes é o que desejo. Pois a paixão de vocês corresponde ao toque de aleluia para mim! Voltarei a ser um homem livre e muito hei de rir dos imbecis que acreditam no amor!... São dignos de uma boa gargalhada!... Muito boa mesmo!

E a boa gargalhada que soltou foi o seu repentino canto de cisne! Tombou a cabeça para trás num último estertor de agonia, sem dizer uma palavra. Mário, estupefato com a surprêsa, não quis acreditar no que via. Desesperado, sacudiu o amigo com tôda violência!... Não houve reação. Um colapso cardíaco pusera fim àquela vida! O remédio agora era dar o alarma e esperar pelas consequências.

Essas, porém, não foram das piores. Tudo foi resolvido sem o sensacionalismo comum em tais casos. Carvalhais fôra enterrado solenemente e o segrêdo da última entrevista ficara só para Mário. Nada dissera a Luisa. Seria quixotesco fazer comentários sôbre o assunto. O amigo estava morto e o que restara fôra aquêle complexo de remorso do qual não conseguira libertar-se.

Seu casamento com Luisa foi mais um dever ditado pelas circunstâncias, do que mesmo o epílogo de um caso de amor. Depois de tudo que acontecera, seu afastamento da viúva seria o arremate covarde da insensatez que havia praticado. E isso não ficaria bem.

Mas, quando se recorda de todos êsses acontecimentos, Mário pergunta a si mesmo, por que a vida prega dessas peças às criaturas?... O mundo é tão grande! Há nêle lugar para todos. No entanto, ninguém consegue o que deseja sem prejudicar a outrem! Chega a ser trágica e ridícula esta nossa vida! Somos autênticos palhaços no picadeiro da existência! Boas gargalhadas o destino deve dar, quando, de camarote, assiste ao nosso desespêro para viver.

A BOTIJA

(Cont. da pág. 38)

À noite os homens acenderam uma grande fogueira. Houve cantigas ao desafio, danças e muita alegria.

A criança chegou numa noite linda. A parteira enfaixou-a, colocando-a ao lado de Laurinda, exausta mas feliz. Silvano, que estava ansioso por vê-la, debruçou-se na cama, levantou a ponta do cortinado de filó e espiou a filha. Ao descobrir seu rosto começou a rir, como bôbo, bôbo mesmo... A recém-nascida era côr-de-rosa, lourinha, de olhos verdes...

Meses depois, passou pela fazenda um médico que vinha do Salvador e ia para não se sabe onde. Pousou na casa de telha da fazenda Curaçá. De noite, na sala de visitas, ficaram conversando. Então Silvano, mais por vaidade de pai do que por qualquer outro motivo, trouxe a criança do berço e apresentou-a ao viajante:

— Doutor, examine Mariazinha, minha filha...

— Ela não está passando bem?

— Passa òtimamente, mas o senhor sabe, um exame do médico pode orientar-nos melhor.

O facultativo foi ao seu quarto e de lá trouxe a "valise" que o acompanhava por tôda a parte. Laurinda despiu a criança, deixando-a nuela como havia nascido. O doutor virou-a de bruços, colocou o aparelho no ouvido e começou um exame meticuloso. Mas, à proporção que fazia deslizar a extremidade do aparelho sôbre as costinhas róseas, sua fisionomia se foi ensombrando, ensombrando. Os pais notaram aquilo, afligiram-se. Foi Silvano quem interrompeu o silêncio pesado.

— Que achou, doutor?

— Mal, muito mal.

— Mas a nossa Mariazinha passa tão bem...

Laurinda, fora de si, interveio:

— Fale, doutor, diga tudo, por caridade!

E o médico, em palavras lentas, pensadas:

(Cont. na pág. 48)

A REVISTA HA 50 ANOS

(20 de julho de 1902)

PUBLICOU A REVISTA DA SEMANA no dia 2 de julho de 1902, mais uma das crônicas de Jacques Bonhomme, sôbre a elegância e a moda dos chapéus femininos. As impressões trazidas da cidade nos foram descritas por Justino Montalvão. E' interessante observar uma apreciação feita, então, sôbre a flor mais cara do mundo: uma orquídea no valor de 90 000 francos, doada à Rainha Vitória da Inglaterra. Farfalla, continuou nos seus comentários a respeito do teatro francês que, naquela época, representava aqui, no Rio. Da parte fotográfica reproduzimos duas fotos: uma do jóquei, outra do cavalo vencedor do grande prêmio Cruzeiro. Além da crônica, reproduzimos também as duas curiosas observações sôbre a "Tísica e os canários" e "Barco pré-histórico".

CRÔNICA

NÃO somos nós sòmente a revoltar-nos contra essas obras primas de arquitetura monumental e floreada que sob a denominação vulgar de "chapéus" muitas das gentis freqüentadoras do Teatro Lírico continuam a exibir, com uma insistência muito próxima da maldade. A própria Inglaterra, a grave e sisuda Inglaterra, tão sóbria de humorismo sempre que a mulher está em jôgo, começa a permitir-se várias manifestações significativas a respeito dêsse adôrno obstrucionista, concorrente feroz do espetáculo que em cena se vai desenrolando. Tôda a frieza correta, tôda a impassibilidade cortez do gentleman soçobram diante dêsse obstáculo mais difícil de remover que a resistência dos transvalianos heróicos; e um grande órgão da City, o "Daily Mail", não duvida fazer-se o porta-voz, o campeão, o Padre Eremita de uma cruzada análoga à da imprensa latina.

"Ladies are requested to remove their hats" — exclama o "Daily Mail" com a solenidade e concisão de Nelson em Trafalgar, solenidade em que transparece um secreto mau humor. E, glosando esta epígrafe tão incisiva em seu laconismo, uma página inteira segue, profusamente ilustrada, com o comentário substancioso ao lado do instrumento do crime. Sabida é a consciência que os inglêses põem nos produtos, ainda os mais modestos, do seu engenho. O jornalista britânico é essencialmente exaustivo. Assim, o colaborador do "Daily Mail" não se limita a verberar o chapéu da estação, o chapéu da moda, o último modêlo. Sereno, implacável, certo de que está desempenhando uma nobre missão social, de que sôbre êle pesam tremendas responsabilidades, de que do alto das copas de feltro ou de palha vinte séculos o contemplam, vai buscar nos tempos mais remotos a origem do costume nefando, a sua genealogia, a copiosa ascendência. E' erudito, eloqüente e lógico. Não; o chapéu contemporâneo não provém da fantasia bizarra de um "faiseur" de renome nem obedece à simples preocupações de elegância. A sua ascendência perde na noite dos tempos e quase sempre coincide com épocas de grande coquetismo, quando a mulher pretendia absorver, em proveito próprio, tôdas as atenções embora com sacrifício das mais cultas províncias do pensamento. Vêde a larga meia lua de ouro e o longo véu pendente dos tempos de Ricardo III; contemplai o colar dos Tudor fazendo em volta da cabeça um impenetrável biombo: pasmai do toucado Henrique VI; afirmai-vos para o infindável cartucho de amêndoas, dos tempos de Eduardo VI e dizei-me se entre êles e o parque florido ou o prédio altíssimo de agora não descobris um ar de família cujas intenções secretas não enganam!

Eu concordo em gênero, número e caso com o profundo e erudito observador britânico. Admito porém o chapéu nas mulheres calvas, ou em via de o serem, e nas feias. Baldas de encantos naturais, preteridas na distribuição das graças da beleza, as pobrezinhas não podem, naturalmente, dispensar o artifício e não seremos nós que por tal as condenaremos. A tolerância, quando legitima pelas circunstâncias, é uma das grandes conquistas da civilização e um dos sentimentos que com maior ardor cultivamos. Não é crível que conosco concorde o infeliz colocado pela sorte dentro do raio de ação dessas raras exceções legais; mas... que tenha paciência: il faut se sacrifier! — JACQUES BONHOMME.

A TÍSICA E OS CANÁRIOS

AUTORIZADA revista médica inglêsa, "Lancet", publicou um notável artigo sôbre a facilidade com que as aves de gaiola comunicam a tísica às pessoas, e diz, ao dar conta das observações feitas por um médico de Montreaux (na Suiça): "O costume de consentir aos canários e às caturras que ponham o bico junto dos lábios das suas donas é sumamente perigoso, porque dessa maneira se transmite o bacilo da tuberculose dos pássaros às pessoas. Oferece igualmente perigo tratar dos pássaros doentes e soprar o pó e as cascas das sementes com que se alimentam. As gaiolas não deviam ser levadas à cozinha para aí serem limpas. O pó do corpo das aves e as mucosidades dos bicos podem contaminar fàcilmente os alimentos. ● Os canários padecem com muita freqüência de tuberculose, e o mesmo sucede com os papagaios e as caturras. Nestes últimos a enfermidade é freqüentemente caracterizada por excrecências na pele, que às vêzes alcançam tamanho considerável; arrancam-se com facilidade, e observando-os ao microscópio vê-se que contêm numerosos bacilos dos tuberculosos. Segundo os estudos feitos por Eberlein, em um papagaio tísico encontra-se a pele afetada em 52 por cento dos casos, em 16 por cento a língua, e os ossos e articulações em 12 por cento. A tuberculose dos papagaios e dos seus similares distingüe-se pela presença de um número verdadeiramente enorme de bacilos". ● A psitacósis, doença infecciosa desta classe de aves, tinha sido já observada, e comprovou-se que produzia casos especiais e mortais de pneumonia ao ser transmitida pelos pássaros ao homem. Em 1892, foram atacadas em Paris umas 50 pessoas, que tinham caturras em suas casas; e posteriormente têm havido outras epidemias, que tem sido estudadas por Gilbert e Fournier.

UM BARCO PRÉ-HISTÓRICO

DIZ l'Aviron ter sido há pouco descoberto, em uma casa subterrânea existente nas imediações de Daschour, no Egito, um barco, cuja construção, a acreditar nos conhecimentos arqueológicos de Brufisch-Bey, data de 2.500 anos A.C. O venerando barco mede cêrca de nove metros de comprimento por dois e meio de largura. A ligação das traves e tábuas fazia-se por aquêle tempo do modo por que hoje se fazem as jangadas. As fendas e os interstícios eram calafetados com asfalto. Com êle foram encontrados também alguns pedaços de remos, e o tronco de um mastro, o que faz supor que os navegadores de há quarenta e cinco séculos faziam uso de remos e velas. ● Isto que nos conta l'Aviron faz-nos lamentar sinceramente que tão respeitável encontro se não desse antes de adotado o material moderno para os nossos campeonatos, porque podia bem ser que os construtores nacionais geringonçassem das linhas daquele barco um modêlo digno de confronto com alguns que por aí andam.



Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul" — aspecto geral das arquibancadas do prado do Jóquei Clube, na corrida de domingo.



BOULEVARD — o cavalo vencedor do grande prêmio "Cruzeiro do Sul", domingo último, no prado do Jóquei Clube (1902).

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

CORRIJA EM CASA A IMPERFEIÇÃO DOS SEIOS



Pasta Russa

Restaura em poucas semanas os bustos caídos, flácidos e sem plástica. Um prodígio de eficiência comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A BOTIJA

(Cont. da pág. 46)

— Tenham coragem. Criança é assim mesmo. Pode morrer como um passarinho.

— Diga tudo, doutor!

— Pois bem. Lamento dizer-lhes, mas a sua Mariazinha se irá ao nascer do primeiro dente.

Laurinda, apertando a filha nos braços, parecia fugir de mêdo; e lá dentro, na solidão do interior da casa, chorou, chorou. Silvano ainda ficou na sala, com a visita, mas a conversa se tornou impossível. Dali a pouco, o médico pretextou fadiga e recolheu-se no seu quarto. No dia seguinte, de madrugada, montou a cavalo e partiu.

Recorreram a outros médicos. Êstes falavam nas surprêsas que as crianças nos faziam. Hoje estavam à morte; amanhã, no entanto, quando Deus era servido... Ora, médico é médico, não é infalível. Êles vivem se enganando! Não havia como Tia Felisbina, uma pobre velha que havia muitos anos morava em Pau-Santo e para cada doença tinha uma garrafada especial. Essa preta, sim. Doente ou mulher de parto entregues a seu cuidado só morriam quando chegava a hora... A mezinheira tranquilizou-os.

Mariazinha crescia, desenvolvia-se como a plantinha, sob os cuidados de amoroso jardineiro. Mas, apesar de tudo, os pais contavam os meses pelos dedos; ansiosos examinavam de manhã e de noite aquela boquinha rósea que sorria, julgando que aquilo era para brincar... Engatinhou aos sete meses; aos oito, já se firmava nos pés, procurando descobrir o que havia em cima dos móveis, para atirar no chão.

Nove meses. Dez meses. Mariazinha começava a ensaiar os primeiros passos pela casa. E a mucama tinha dificuldade em alcançá-la, em conter-lhe as mãos buliçosas.

Por essa altura, os dois foram chamados à pressa à cidade de Simão Dias, em Sergipe, onde tinham propriedades. Precisavam assinar uma escritura, em cartório. Ainda com o papel de intimação entre os dedos, olharam a filha. Ela estava tão saudável e tão formosa que Laurinda levantou-a do chão, beijou-a e perguntou-lhe, como se ela pudesse entender:

— Você não está enganando a mamãe?...

Silvano, vendo a boa disposição da menina, declarou:

— Podemos ir. Ela está muito bem.

E Laurinda, entregando a criança à mucama:

— E' isso mesmo. Aquêle doutor da mula ruça quis passar por sabichão...

Mariazinha ficou entregue aos cuidados da tia Virgínia, ali perto. Os pais montaram a cavalo e partiram. Dali a pouco, Virgínia notou que ela estava inquieta, talvez febricitante. À noite, a febre apontou. O rostinho queimava. Os olhos verdes estavam amortecidos. O corpinho parecia sumir na cama larga, coberta por uma colcha de crivo. E se debatia.

Quando o marido chegou, encontrou-a aflita. Manoel correu a chamar o melhor peão de Curaçá. Era uma missão urgente, urgentíssima. O cavalheiro tomou o caminho de Simão Dias e se esforçou para alcançar o casal, que levava dianteira de duas horas. Galopou, galopou, galopou. Só foi alcançá-lo dali a algumas léguas. A nuvem de poeira que o seu cavalo levantava a devorar caminho, assustou a Silvano e Laurinda; êles pararam, com o coração pequenino. Ainda longe, o campeiro sacudiu o chapéu de palha e gritou:

— Parem! A menina está doente!

Voltaram à disparada. Horas depois, entraram pela casa de telha da fazenda Curaçá. Correram ao quarto onde Virgínia deitara a criança; Laurinda tomou a filha nos braços e abriu-lhe a boquinha vermelha. Pôs-se a chorar, a soluçar. Acabava de ver um dentinho que apontava como um granizo, na carninha tenra da gengiva de Mariazinha. E a pobrezinha, naquela mesma noite, morreu. Morreu de leve, como um passarinho...

Foi um golpe espantoso; Laurinda, no ano seguinte, também morreu. Não morreu de doença, mas de saudade. Tio Silvano ficou sòzinho na fazenda Curaçá. Não casou novamente. Nem nunca mais pôde ver uma criança loura e de olhos verdes. Para êle, tôda criança parecida com a sua estava fadada ao mesmo fim...

Os anos foram pasando, passando. Tio Silvano envelhecia. E' não esquecia de Laurinda, nem de Mariazinha. Anos depois, casou-se a filha mais nova do Capitão Nascimento, Dona Pequena, aquela que seria minha mãe...

O novo casal teve muitos filhos, como acontece no Nordeste. Um dos últimos foi minha irmã Josefina, aquela lourinha de olhos doces... Era, em tudo, o retrato de Mariazinha. E tio Silvano, que não mais podia ver crianças assim, tomou-se de amôres pela sobrinha, que tanto lhe recordava a filha morta havia anos. E tôda a gente ficou sabendo que a fortuna dêsse já então grande fazendeiro, viúvo e sem descendentes, assim como as jóias deixadas por Laurinda, inclusive as dêle, tudo o que possuía, se destinava à pequena Josefina. Ela era sua herdeira.

Certo dia, chegou a Curaçá um daqueles temidos "avisos" de Lampião. Tio Silvano, temendo que o cangaceiro lhe levasse a fortuna transformada em ouro, assim como as jóias da espôsa falecida, ajuntou tudo numa botija e, pela madrugada, quando todos dormiam, enterrou-a no fundo da fazenda. No Nordeste, botija quer dizer tesouro enterrado. Se alguém tiver dúvidas a respeito, consulte o Caldas Aulete...

Dias depois, encontraram-no morto. Correu a voz de que a sua morte súbita se dera por causa daquele aviso com que Lampião prevenia os ricos de que ia buscar-lhe a riqueza. E, na fazenda Curaçá, ficou perdida, talvez para sempre a botija e seu tesouro. O testamento em favor da sobrinha lá permanece, através dos anos... Se algum dia, por ventura, alguém desenterrar a botija, talvez encontre um punhado de pó sôbre cunhetes de ouro, dobrões e um monte de jóias... Será o que resta do testamento de tio Silvano.

E' por isso que minha irmã Josefina, que eu, que tôda a nossa família, sem a riqueza que tio Silvano enterrou, somos assim pobres e moramos neste sítio, no bairro de um bairro... E' por isso que, à noite, quando os meus parentes dormem, cansados dos trabalho exaustivo de cada dia, eu corro à mesa onde tenho os meus papéis e escrevo êstes contos à moda antiga que, em realidade, são páginas incríveis da nossa vida tão singela...

SERENATA A . . .

(Cont. da pág. 34)

outra coisa, o filósofo do samba, que imortalizou a Vila Isabel em suas coloridas páginas musicais, não conseguiu viver muito tempo. Assim, no dia 5 de maio de 1937, na própria casa onde viera ao mundo havia 26 anos, o festejado sambista sucumbia vítima de pertinaz moléstia.

Agora, 15 anos após a sua morte o povo carioca tributa carinhosa homenagem à sua memória, realizando uma grande serenata — no estilo das que fazia o inolvidável seresteiro — defronte à casa n. 392 da rua Teodoro da Silva, que se acha ameaçada de demolição para dar lugar a um prédio de apartamentos que terá o nome de «Edifício Noel Rosa». Acontece, porém, que logo após a Prefeitura ter concedido licença a um comerciante desta capital para demolir a casa onde nasceu, viveu e morreu o «poeta da Vila», para a construção do referido edifício, o vereador Carlos Frias apresentou um projeto à Câmara Municipal, no sentido de ser desapropriado o velho imóvel para que ali seja instalada uma Escola de Música Popular. Como vemos, o inesquecível autor de «Pierrot apaixonado», apesar de morto há quinze anos, está mais vivo do que nunca, pois sua memória continua sendo reverenciada com o maior carinho pela cidade que êle tanto amou e à qual dedicou a sua existência.

Respostas ao teste

1 — Spinoza
2 — D. João VI
3 — 26/4/1821
4 — Príncipe Regente D. Pedro I
5 — Aclamação
6 — Pedro I (3/5/1823)
7 — Outorgada
8 — A do primeiro reinado
9 — Pedro Américo
10 — Mais de duas mil
11 — A um pôrto do México
12 — Cêrca de 36
13 — Berilo da Fonseca Neves
14 — Em Pernambuco
15. — 1912.

nesta casa estão USANDO todos os aparelhos elétricos ao mesmo tempo!



CONCORRENDO, ASSIM, PARA A SOBRECARGA DO SISTEMA GERADOR

O extraordinário aumento de consumo de energia elétrica, devido à contínua concentração industrial no Distrito Federal, nestes últimos anos, está ultrapassando, agora, a capacidade das usinas geradoras.

O grande projéto hidroelétrico de ampliação da Usina de Ribeirão das Lajes segue um ritmo acelerado de construção e até que as novas unidades geradoras entrem em operação, é necessário evitar a sobrecarga do sistema, que atualmente se verifica entre 17,30 e 20,00 horas.

Utilizando sòmente os aparelhos elétricos essenciais e que consumam menos energia e mantendo o mínimo possível de lâmpadas acesas durante o período acima, nos dias úteis, excéto sábados, estará contribuindo para reduzir a sobrecarga do sistema gerador de eletricidade.

Desligando nas horas de sobrecarga em muito beneficiará as indústrias essenciais!



A SAÚDE DO BEBÊ

MAMADEIRAS NO PRIMEIRO MÊS

DR. SABÓIA RIBEIRO

JÁ encaramos, noutro artigo, a hipótese de o leite da própria mãe ser, ou tornar-se insuficiente, no alactamento da criança, logo ao primeiro mês. Frisamos, então, que isto quase sempre acontece, devido principalmente a êrro de técnica alimentar.

E' muito raro que falte o leite à mulher para prover a criação do filho ao seio, ao contrário, o pouco se transformará em bastante, se bem assistir fôr ou boa vontade tiver. Sòmente em determinadas circunstâncias o leite materno poderá ser negado à criança. A ligeireza com que se suprime a amamentação ao peito é ato imperdoavel. A maioria das situações, em que ocorrem quaisquer dificuldades, pode, com boa vontade, ser perfeitamente contornada, não se privando o recém-nascido dêsse alimento, que é sempre o melhor e, de resto, o de mais fácil manejo na criação do bebê.

Um dos motivos, pelo qual se costuma suspender o seio, é o representado pela ausência ou depressão do bico do peito. A criança pega, então, mal no seio, e suspende-se, sem mais aquelas o seio; dentro de uns poucos dias, some-se o leite; desde então, está a criança, definitivamente, privada do seu alimento inegualavel, que é o próprio leite materno. No entanto, recorrendo-se à bomba, e extraindo-se o leite, de 3 em 3 horas, o defeito apontado cede, conformando o bico do peito, de modo a satisfazer aquêle fim. Outro motivo é a supressão do alactamento ao seio, fundado em razões puramente egoísticas ou da vaidade da mulher, convicta que a amamentação lhe deforma ou amolece os seios. Nada disso, entretanto, procede; ao contrário é sabido que a sucção da criança estimula e robustece as fibras elásticas das mamas, assegurando, dêsse modo, maior consistência e rigidez dos seios. A amamentação ao seio, pois, deve ser mantida nesses casos, e não se justifica outro leite.

★

Abordamos, agora, os meios de conduzir a criação do bebê, à mamadeira, no seu primeiro mês de existência.

Primeiro cuidado, essencial: Leite de boa qualidade, sem contaminações nem água. Segundo cuidado: bicos e vasilhame bem tratados, perfeitamente higienizados, pela lavagem e fervura, após cada mamadeira. Terceiro cuidado: técnica no preparo das mamadeiras.

O leite será o leite animal ou em pó integral. Ou, então, um leite em pó modificado, próprio à idade da criancinha. Leite de vaca, só com muita certeza de sua procedência e colheita higiênica. Leite em pó, integral que seja realmente leite, e não mistura de açúcar e farinhas, e outras substâncias, com indicações dietéticas. Leite modificado — mas que, percentualmente, corresponda ao valor alimentício do leite integral e, uma vez diluido, ao mesmo valor calórico.

Vejamos agora como manipular êsses diferentes, leites.

Não se tendo geladeira, preparar-se-á uma mamadeira cada vez que fôr horário da criança. Como aqui tratamos da criança no primeiro mês, o leite será ao meio: metade leite, metade água. Com o pó, isto se obtem com 3 medidas bem cheias para cada mamadeira de 150. Na verdade, no primeiro mês, estas devem ser menores: 100, 120; portanto, menos pó (2 medidas e um pouco mais). Partindo do pó, o leite ao meio se prepara com 2 medidas para cada 100 de água. O leite em pó deverá conter apenas os seguintes elementos: gordura, proteinas, lactose, sais minerais e água.

Mas, é sempre mister fazer as mamadeiras, neste caso, preparando, primeiro, uma mucilagem em 150 de água — filtrada e fervida, uma colherinha de maisena ou aveia (cozimento rápido) em 100 da água, (levar ao fogo brando 7 minutos, mexendo com colher de pau). Feita a mucilagem, desmanchar o pó em 50 de água, à parte, e depois reunir as duas porções na mamadeira. Com o preparo da mucilagem logo adoçar, juntando, com a farinha, a mesma quantidade de açúcar tipo pérola. Dos leites modificados, excelentes produtos no nosso mercado — todos visando uma fácil digestibilidade pela criança e uma cobertura completa de suas necessidades nutritivas. Finalmente um último ensinamento e recomendação: nunca se deverá levar ao fogo o leite em pó. Na hipótese de mucilagem, prèviamente preparada, usar a maisena; mas se manifestar-se a prisão de ventre, usar então aveia, cozimento rápido, e vice versa. Por outro lado, o açúcar comum tem também certa ação laxativa, de maneira que o acréscimo de sua quantidade, nas mamadeiras, favorece a exoneração intestinal, e sua redução, combate a tendência à diarréia. De maneira que, do bom manejo, de farinha e açúcares, poder-se-á regular quer a prisão de ventre, quer a tendência à diarréia.

OS JOGOS INFANTIS

(Cont. da pág. 18)

que o clube da Cruz de Malta se retirava, em sinal de protesto, dos jogos infantis. Como se verifica, os clubes levam mesmo a sério a Olimpíada das crianças.

Outro clube, o Florença, que foi desclassificado duas vêzes de provas em que se laureara como vencedor, não ficou zangado e, como prova de que compreende o tema do Barão de Coubertin, de que no «esporte o principal não é vencer, e sim competir», homenageou o diretor do matutino esportivo no baile de encerramento de suas atividades nos referidos jogos.

O caso mais pitoresco do certome verificou-se com duas gêmeas pertencentes à equipe do Fluminense. Participaram das provas do volei, basquete e de tênis-de-mesa. A semelhança era tamanha que os juizes ficaram inúmeras vêzes confusos porque, mesmo diante das fichas com os retratos, era impossível distinguir uma da outra. Poderia ter havido troca de nomes sem que os controladores se apercebessem da fraude, pois não havia outro sinal para distinguí-las senão os números de inscrição ou das camisas.

Um fato bem interessante foi a participação, pela primeira vez, nos Jogos Infantis, do neto do idealizador desta competição, o jornalista Mário Filho. O pequenino atleta Mário Neto, filho também de um jornalista esportivo, Mário Júlio Rodrigues, venceu uma das eliminatórias de velocípede e foi sexto colocado nas provas finais, ganhando uma medalha de prata para que, daqui há 20 anos, êle se lembre da sua primeira competição esportiva e prossiga na obra do seu avô.

O Fluminense foi o campeão dos Jogos Infantis, tendo triunfado em tôdas as provas, com exceção do tiro ao alvo e futebol, nas quais saiu vitoriosa a representação do Botafogo. A petizada do tricolor ganhou as competições de atletismo, basquetebol de meninos, basquetebol de meninas, ciclismo, natação, tênis de meninos, tênis de meninas, tênis-de-mesa de meninos e de meninas, volei de meninos e meninas, pequenos jogos, o desfile e a competição de torcidas, atestando o alto grau do carinho que os dirigentes do clube das Laranjeiras proporcionam aos pequenos atletas.

VIDA INTENSA...

(Cont. da pág. 40)

çãozinha nacional. Segundo... Basta o argumento anterior para acabar com qualquer leviandade de querer fazer cinema com economia de centimetros para medir o que se vai gastando em celulóide.

Os estúdios de Boulogne sur Seine são imensos, e, dentro dêles, trabalham duas centenas de pessoas. Vimos como René Clair preparava uma cena de luta entre alguns artistas. Para que se tenha idéia da exigência do mestre, basta que se diga: fomos almoçar num pequeno restaurante perto, e quando regressamos ainda as cenas estavam sendo ensaiadas. Depois quando chegou a vez de Gerard Philipe falar diante do microfone que um homem segurava (horror que no Rio se tem a tal da gravação para depois de rodar a cena) a coisa parecia não terminar mais.

O mestre trabalhava incansàvelmente. De pé, e com um risinho de banda êle repetia dez, vinte, trinta vêzes cada «take» dos seus artistas queridos como gostava de dizer.

— «Na tela, êles devem ser valorizados e bem apresentados...»

A HISTÓRIA DO FILME

«Les Belles de Nuit» é uma realização de René Clair, cenário e diálogos dêle mesmo assim como o título do filme. Conta o filme as aventuras dum jovem músico que parte para uma viagem de sonhos através dos tempos e da história. O músico espera encontrar a felicidade que sempre lhe parecia impossível, e, cheio de fé, atira-se pelo mundo afora.

Martine Carol, de «Caroline me cherie», Gina Lolobrigida e Marylin Bufferd são as mulheres dos sonhos do músico. Mas cabe à última dessas atrizes fazer com que o sonho termine e o moço regresse à realidade. Marylin Bufferd é uma descoberta de René Clair. E seu papel é dos mais importantes do filme.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

DIFÍCIL PRODUÇÃO

A realização dêsse filme é das mais difíceis pelos inúmeros ambientes que êle pede para cada sonho do músico. Cada seqüência apresenta exigências fotográficas complicadas e de quase impossível realização. Duas equipes e técnicos foram preparadas demoradamente, para a rodagem da fita. O próprio René Clair fêz a seleção e a escolha de sua gente. Especialistas em trucagens e montagens foram requisitados mesmo fora da França sem medir sacrifícios. O que interessa é rodar o filme, e dizer cada vez melhor do valor do cinema francês.

DOUBLÉ E FILMAGEM

Logo à entrada, uma simples papeleta de serviço avisa para todos sôbre os horários de trabalho. Sôbre os vestidos da estrêla e as roupas de M. Gabin. Na papeleta há, porém, um detalhe de suma importância: dois nomes estão escritos em letras bem grandes. Melle Suzanne e M. Jean. E, ao lado, entre parêntesis, o nome «double». Êles fazem os papéis dos astros principais, todos os serviços de preparação de luz, a cena de móveis, de côres, etc. Vimos como Melle Suzanne, gentil, graciosa, amável para com os jornalistas, se prestava a fazer de «Michele Morgan», na cena, ao lado de M. Jean, que por sua vez era «Jean Gabin». A cena era apenas uma rápida entrada da estrêla num «hall», enquanto Gabin lhe oferecia cigarros. A moça respondia e a cena acabava.

HORAS E HORAS

Esta curta cena começou a ser ensaiada com os «doubles» por valto de meio-dia. Às três horas da tarde, chega a vez de Michele Morgan entrar em cena com Gabin. Agora o serviço dobra de intensidade. Ambos os artistas entram duas, três, vinte e trinta vêzes. Dellanoy, gentil, pede sempre «mais uma vezinha»... Vimos uma vez — quando Michele Morgan se curvava para apanhar os cigarros numa mesinha muito baixa — Dellanoy dizer que esperasse um minuto. Michele ficou curvada para a frente, imóvel mais de cinco minutos. Não saía do lugar, não se arredava do seu pôsto de batalha e aguardava as ordens do seu diretor.

TÉCNICA

O cenário original de «Le minute de verité» é de Jean Delannoy, Henri Jeanso e Roland Laudenbach. Diálogos de Henri Jeanso. O diretor de produção é Leon Canel.

À LUZ DA PSICANÁLISE

DIFICULDADES DE UMA JOVEM

Pelo DR. LUIZ FRAGA

A Srta. X marcou uma consulta com dois dias de antecipação, insistindo para que a enfermeira lhe informasse qual a hora de menos movimento na sala de espera.

A Srta. X tem 25 anos de idade, é loura, não é feia mas não chega a ser bonita. 1m60; 54 quilos; antecedentes pessoais e familiais bons. Econômicamente remediada, é funcionária pública e reside com a família, isto é, pais e dois irmãos, menores, na zona sul do Distrito Federal.

Reflexos exageradamente aumentados, olhos cançados de quem dorme mal. Voz alterada no timbre, falando pausadamente e com reticências.

O exame revelou um caso de maternidade. A senhorita X deseja interromper a gestação, apesar de estar moralmente amparada pela família.

SRTA. — Acho que seria uma boa mãe; sei porque sou muito carinhosa com as crianças. Levanto-me à noite para cobrir os meus irmãozinhos, choro quando êles sofrem.

MÉDICO — Também a gata é terna para com os seus filhinhos. E' um instinto cego que pertence à planta, ao inseto, às aves. A missão da mulher mãe não é criar um bípede inteligente, mas um homem, completo, cujas paixões participam tôdas do belo e do infinito; que sabe escolher, no futuro, a sua companheira e inspirar os seus filhos.

O homem nasce para o prazer e para a dor; a mulher nasce para o amor de Deus e a humanidade. Cabe à mulher o trabalho de desenvolver a alma da criança com exemplo edificante e argúcia de seu instinto.

Ser mãe não é apenas "desdobrar fibra por fibra o coração".

Ser mãe é assumir para com Deus e para com a humanidade, o compromisso sagrado de fazer um cidadão.

A senhorita encontrará por aí quem interrompa êsse trabalho sublime que a natureza executa, sob a inspiração Divina, tendo para tal, escolhido a mulher. Há por aí quem possa e queira interromper a marcha do seu destino. Não encontrará, todavia, a senhorita X, quem lhe interrompa a marcha cadenciada da consciência, pelos anos sem fim. . .

★

A senhorita X que se ausentou do Consultório por algum tempo, volta acompanhada de uma "Babá" e traz ao colo um bebê forte e bonito. A mãezinha está visìvelmente feliz.

SRTA. X — O Dr. é um pouco responsável por isto (aponta a criança). Mas eu estou feliz e talvez compreenda agora as palavras que estão em minha ficha clínica e que o senhor me fêz ler um dia. . .

MÉDICO — A senhorita ainda voltará aqui outra vez, para repetir com orgulho as palavras de Shakespeare:

"— Tive menos alegria ao vê-lo nascer, do que ao vê-lo praticar uma ação de homem."

CORRESPONDÊNCIA:

GEORGINA (D. F.) — A educação solucionará o caso de sua sobrinha.

MARGARIDA (D. F.) — Faça um exame ginecológico. Não é um caso para psicanálise.

J. PEREIRA — E' questão de metabolismo. Não continue tomando barbitúrico, com que você viciar-se-ia.

DENISE — Faça um relatório mais preciso.

GLÓRIA — Vou responder à sua pergunta, falando sôbre a "dor", no próximo artigo.





Polvilho Antisséptico
GRANADO

DESODORANTE CICATRIZANTE

Realce a sua graça natural
cuidando de sua pelle
mantendo-a eternamente fresca e juvenil. Colo e mãos formosos, rosto sem rugas, cravos, espinhas, sardas, panos, acnes, e poros dilatados, graças ao uso dêste bálsamo da cútis.
Dist. Araújo Freitas
Rio

Agua de Junquilho
A FONTE DA BELEZA



SEMANA LITERÁRIA

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS



● Maria de Lourdes
Teixeira venceu êste ano
um prêmio da Acade-
mia que jamais fôra
concedido, o "Prêmio
Júlia Lopes de Almei-
da". A escritora pau-
lista de tão grande me-
recimento firou êsse prê-
mio com seu excelente
romance "Banco de Três
Lugares". Maria de
Lourdes realmente me-
recia a láurea. Pena que
outro paulista, Edgar
Braga, tenha sido der-
rotado, entre os concorrentes ao prêmio de poesia,
tirado pelo poeta Mauro do Carmo. Mas também
o que é que vamos fazer com uma comissão que
inclui Luis Edmundo e Adelmar Tavares?

● Muito pitoresco o comentário inspirado por
essa premiação. E' que dizem que o livro foi
confirmado, teve o prêmio apesar do voto em con-
trário de Manuel Bandeira, pelo fato da confir-
mação ser feita em plenário, de acôrdo com a
velha praxe, quando o presidente diz: — "Os que
aprovam o parecer queiram ficar sentados..."
Como os acadêmicos têm preguiça de se levantar,
o parecer é, via de regra, aprovado.

Ao que parece, os modernos da Academia vão
fazer alterar essa praxe. Querem êles que a
fórmula seja assim: "Os que aprovam, queiram
se levantar"...

● Ficou resolvido o "caso" da Antologia do Clube
de Poesia de São Paulo, coisa que deu muito ba-
rulho. Afinal, ficou estabelecido que a antologia
conterá cêrca de 160 poemas escolhidos pelo cri-
tico Carlos Burlamáqui Kopke, também autor da
introdução, dentre os seguintes poetas: Mário de
Andrade, Ronald de Carvalho, Luis Aranha, Gui-
lherme de Almeida, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet,
Osvaldo de Andrade, Menotti Del Picchia, Carlos
Drummond de Andrade, Prudente de Morais Neto,
Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco, Cas-
siano Ricardo, Ribeiro Couto, Augusto Meyer, Fe-
lipe de Oliveira, Tasso da Silveira, Francisco Ka-
ram, Raul Bopp, Abgar Renault, Jorge de Lima,
Emilio Moura, Ascânio Lopes, Ascenço Ferreira,
Murilo Araújo, Augusto Frederico Schmidt, Murilo
Mendes, Dantas Mota, Vinicius de Morais, Fernando
Mendes de Almeida, Odorico Tavares, Afrânio Zuc-
coloto, Henriqueta Lisboa, Jamil Almansur Haddad
João Accioli, Domingos Carvalho da Silva, Mário
Quintana, Rossine Camargo Guarniéri, Sosigenes
Costa, Cecilia Meireles, Alfônsus de Guimaraens
Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Aluísio
Medeiros, Mauro Mota, Américo Facó, Mário da
Silva Brito, José Tavares de Miranda, João Cabral
de Melo Neto, Dante Milano, Joaquim Cardoso.
Bueno de Rivera, Lêdo Ivo, Marcos Konder Reis,
Geraldo Vidigal, Antônio Rangel Bandeira, Darci
Damasceno, Wilson Rocha, Deolindo Tavares, Os-
valdino Marques, José Paulo Moreira da Fonsêca
e Edgard Braga.

Como se vê, tipo do parto da montanha... Há
muita bagaceira nessa seleção que deixou tanta
gente boa do lado de fora.

● Esgotou-se em pouco tempo a primeira edição
de "Seara de Caim", livro de história romanceada
de incontestável mérito. Mas o esgotamento se
deve principalmente à raça de Caim, tôda espa-
lhada por aí e que andou com mêdo de ter apa-
recido no livro de Rosalina...

● No momento em que estiver circulando esta
revista, "Os Cangaceiros", de José Lins do Rêgo,
já estará nas livrarias. Só então o romancista co-
meçará outro romance: segundo afirmou em en-
trevista recente êle só consegue começar outra his-
tória depois de ver a anterior publicada. Dumas
era outro... poderia dizer também. Mas, o que
parece é que Zé Lins aproveita o calor do sucesso
para atacar, com essa flama, um novo romance.

● "Caiçara", jornal literário editado em Marilia,
Estado de São Paulo, lança o seu número de ani-
versário, que traz a colaboração dos seguintes
escritores: Menotti del Picchia, Flávio Sampieri,
Lauro Vargas, Rossini Camargo Guarniéri, Cân-
dida Maria Santhiago Galeno, Nidoval Reis, Ge-
raldo Vidigal, João Mesquita Valença, Alcântara
Silveira, Cyro Pimentel, Saldanha Coelho, Reynaldo
Bairão, Antônio d'Elia, Moacir de Almeida, Dulce
Sales Cunha, Eneide Scarabôtolo, Hilda Scarabô-
tolo, Fernando Catani e outros.

FRADIQUE

Trovas

(Inédito)

A sorte, minha Maria,
Às vêzes, tem seu porquê:
Eu que tão pobre vivia,
Tenho um tesouro — você.

Nunca fujo das Marias
Com ares de zombador,
Porque também é Maria
A Mãe de Nosso Senhor.

Semelhante a branca lua
Que brilha no firmamento,
Também brilha a imagem tua
Dentro do meu pensamento.

PERI OGIBE ROCHA

UM AUTOR

NEVES-MANTA



NO PANORAMA de nossa literatura, o nome de Neves-Manta se destaca, através de uma bibliografia abundante e significativa, como o de um autor estudioso e infatigável que vem enriquecendo nossas letras com numerosos livros de grande seriedade e marcado interêsse. Ensaista, buscando o conhecimento dos problemas do espirito, através do documento humano, Neves-Manta nos tem dado uma série de ensaios no dominio da psicologia e da patologia psiquica, da maior significação e, ao mesmo tempo, da maior clareza.

Sua obra se marca realmente, por êsses dois elementos predominantes: a penetração do psicólogo e a simplicidade, a transparência do estilista. Pessoal e brilhante, Neves-Manta coloca os mais graves assuntos e as análises mais penetrantes e profundas, em páginas de aliciante leveza, desbastando-as de todo o cientifismo DEPLACÉ, de todo o eruditismo embaraçante. Daí explicar-se perfeitamente como êsse escritor de obras difíceis e complexas nos seus assuntos, chegou a ser um de nossos autores mais lidos, cujos livros se tiram em edições sucessivas, quando obras de ficção, contos e romances, entre nós, mal se vendem em primeiras e econômicas tiragens. No oposto de tudo aquilo que se poderia chamar LITERATURA POPULAR., Neves-Manta consegue ser um dos autores mais populares do Brasil. E' possível que na sua lista de obras existam algumas menos, e outras mais, interessantes. Seus estudos de psicologia e de psiquiatria literária, principalmente, se impõe como obras nunca tentadas com tanto brilho e tão seguro pulso, destacando-se entre elas "A Arte e a Neurose de João do Rio", hoje em terceira edição. Entre seus outros livros mais presados, conta-se o volume (em rica edição Pongetti, com 34 ilustrações de Poty, Augusto Rodrigues, Oscar Meira, Quirino Campofiorito e T. Santa Rosa), "Borba Sangue" — quatro mergulhos da alma do homem, como está no subtítulo do livro, belo e emocionante, que representa uma REUSSITE dostoieskiana, nas sondagens dos abismos psicológicos.

UM LIVRO

"PALAVRA E POESIA"

"Palavra e Poesia" é um livro que está todo definido no seu título. De fato, Napoleão Augustin Lopes trata, nesta obra, êsses dois temas: palavra, poesia. *A função subalterna da crítica é a de pôr etiquêta. Console-se na alegria de orientar o leitor desprevenido, que é tudo que nos resta no dissaborido "metier". Por isso, aqui estamos para dizer, para acrescentar, a êsse título tão expressivo e que já exprime tudo — o que se trata de um ensaio poético sôbre a palavra, seu mistério criador, suas relações sobrenaturais como a poesia, sua grandeza, seu alto sentido taumatúrgico.*

Esta obra pertence a um grupo reduzido de grandes ensaios estéticos de nosso tempo. Composta em prosa, com o requinte de tratamento com que só os poetas sabem modelar a prosa, vazada em estilo nobilíssimo, versa os problemas íntimos do vocábulo, conduzindo-nos através do mistério e do encantamento da palavra poética, do verbo e de sua condição divina. Apoiando-se em abundantes e significativos exemplos, nos leva ao conhecimento da divindade da poesia, de sua missão sagrada, de sua fôrça transfiguradora, de seu milagre criador.

"Palavra e Poesia" (Edição Dedalus, Cidade do Salvador) é um livro nobre e claro: exalta a poesia e, dentro dela, a missão grandiosa da palavra. Seria uma mística da forma, se não fôsse, antes, a exaltação do sentido da palavra, da poesia da palavra, dêsse mistério lírico ou dramático que a palavra traz no seu bôjo e que se revela por meio do homem, como o próprio Deus, criador do Verbo. Assim, o que temos aqui não é um elogio da retórica, nem a exaltação da gramática, mas, muito pelo contrário, o preconício da pureza e da grandeza do verbo, a investigação de seus valores absolutos que só à poesia se reservam, que só poèticamente se realizam, que só sentimos através da palavra inspirada, das vozes vaticinadoras e que por isso se encontram nos santos e nos poetas: "Sem o poema de nada valeria a linguagem".

O livro de Napoleão Augustin Lopes está apresentado em belo trabalho gráfico, com um retrato do autor, de Djanira, e seis desenhos de Mário Cravo.

E. Armando Lys

Fora do Prelo

BIOMBO CHINÊS — Eis a transcrição das palavras com que o próprio autor se encarrega de apresentar êste seu livro:

"Fui à China em 1920. Não mantive um diário, pois é coisa que não consigo fazer desde os dez anos, mas tomei notas sôbre as pessoas e lugares que me interessavam. Pensava vagamente que seriam úteis para alguns contos ou um romance. Foram-se acumulando e ocorreu-me então que poderia transformá-las numa narrativa concatenada da minha viagem. No meu regresso, examinei-as. Não era nada fácil destrinchá-las, pois poucas tinham sido escritas a pena e tinta; na maioria, eu as garatujara a lápis em papel amarelo de embrulho comprado pelo caminho, na cadeirinha em que me conduziam os carregadores, quando me sentia cansado de caminhar, ou então as rabiscara em cima dos joelhos, numa oscilante sampana. Mas depois que consegui dar-lhes uma espécie de ordem e, como as escrevera quando a impressão ainda era viva, pareceu-me que tinham um frescor que certamente perderiam se eu as compusesse numa narrativa, como pretendia. Achei que bastava torná-las um pouco menos sucintas e tirar-lhes, na medida do possível, o caráter desleixado de coisa escrita às pressas. Tinha a esperança de que dariam ao leitor que quisesse fazer algum uso da imaginação uma verdadeira e talvez animada pintura da China que eu vi".

Êsse é o livro "Biombo Chinês" que agora a Editôra Globo publica na sua Coleção Nobel, numa primorosa tradução do poeta Mário Quintana.

★

"CONTINHOS BRASILEIROS" — O que há de hesitante e matinal na sugestão que as estréias apresentam, pelo menos rotineiramente, está excluído dêstes "CONTINHOS BRASILEIROS" que a Editôra à Noite vem de lançar, revelando ao público mais um escritor brasileiro de personalidade perfeitamente definida. Inicialmente, podemos salientar que o próprio título dêste volume o ilumina inteiro, fornecendo ao leitor as virtudes e os significados do território artístico e humano que êle vai conhecer. É uma arte lúcida, consciente, a que o contista nos oferece; suas peças têm uma estrutura definida, uma ciência artística que não se exibe ostensivamente porque a sabedoria do artífice está precisamente em ocultá-la, oferecendo ao leitor o resultado, o plano onde êste se comove e se intriga, o que não seria possível de outra maneira. Os personagens que cruzam estas histórias respiram a sua independência e a sua verdade humana através da atmosfera da vida transfigurada a que o autor soube ser fiel, no momento da criação. Tudo nestes contos, nos fala de uma experiência que subiu, sem inseguranças, os degraus da invenção artística, a prosa nítida e cristalina; o diálogo haurido nas fontes do cotidiano, os tipos surpreendidos num flagrante de existência que os informa por completo, dando-lhes uma visão; a tessitura das histórias ora pungentes, como nesse admirável **CONTO DE BELÉM**, ora satíricas como no **UM AMIGO**.

Carlos Castelo Branco, nasceu em Terezina, Piauí, a 25 de junho de 1920, e seus primeiros passos literários realizaram-se em Minas Gerais figurando seu nome, habitualmente, entre o dos jovens escritores mineiros.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

A Câmara Brasileira do Livro, em cumprimento aos seus objetivos culturais, consignados em seus estatutos e referendados pelo I Congresso de Editôres e Livreiros do Brasil, institui e patrocina os seguintes prêmios:

Prêmio Câmara Brasileira do Livro (ao escritor ou jornalista que melhor contribuição prestou ao livro em 1952) — *a)* — Ao escritor ou jornalista que melhor contribuição houver prestado, no corrente ano, para a difusão do livro ou exame dos problemas que o cercam, será conferido o prêmio uno e indivisível de dez mil cruzeiros. *b)* — Conferirá o prêmio uma comissão composta de três sócios da Câmara Brasileira do Livro e recairá sôbre trabalhos aparecidos na imprensa nacional, redigidos em português, podendo seu autor ser estrangeiro ou brasileiro. *c)* — Não haverá inscrições para o prêmio. *d)* — Os trabalhos deverão ter sido inscritos na imprensa até o dia 10 de novembro de 1952. O parecer da comissão julgadora será divulgado a 22 de novembro de 1952, data em que se comemora o "Dia do Livro". *e)* — O prêmio será entregue durante a "Semana do Livro" entre as festividades promovidas pela Câmara Brasileira do Livro nessa ocasião. *f)* — Da decisão da comissão julgadora não caberá recurso.

Prêmio Câmara Brasileira do Livro (para o melhor livro de poesia publicado em 1952) — *a)* — A Câmara Brasileira do Livro institui um prêmio de vinte mil cruzeiros à melhor obra literária, de autor nacional, publicada de 1º de janeiro até 10 de novembro de cada ano. *b)* — Os prêmios serão distribuidos, anualmente, consoante o seguinte rodízio: poesia, romance, literatura infantil, conto, ensaio e tradução. Para o ano de 1952, o prêmio recairá, portanto, sôbre Poesia. *c)* — Não haverá inscrição para o prêmio. *d)* — A comissão julgadora, composta de três intelectuais de renome, escolherá, na produção literária do ano, até à data de 10 de novembro de 1952, a obra que, no seu parecer, fôr merecedora da distinção. *e)* — O parecer da comissão julgadora será publicado a 22 de novembro de 1952 e o prêmio entregue durante as solenidades comemorativas da "Semana do Livro". *f)* — O prêmio será uno e indivisível. *g)* — Da decisão da comissão julgadora não caberá recurso.

Prêmio Câmara Brasileira do Livro (para o livro de melhor confecção gráfica, executado em 1952) — *a)* — A Câmara Brasileira do Livro promoverá, anualmente, um concurso entre as emprêsas gráficas nacionais, a ela filiadas, para premiar o livro de melhor confecção gráfica, aparecido até 10 de novembro de cada ano. *b)* — Ao vencedor será entregue um bronze e um pergaminho declaratório da concessão do prêmio. O bronze permanecerá em poder do vencedor enquanto detiver o prêmio. *c)* — Não haverá inscrições para o prêmio. Uma comissão de três sócios da Câmara Brasileira do Livro, escolhida entre os livreiros integrantes do seu quadro social, apontará a obra digna do prêmio. *d)* — O parecer da comissão julgadora será publicado a 22 de novembro de 1952 e o prêmio entregue por ocasião das solenidades promovidas para festejar a "Semana do Livro". *e)* — Da decisão da comissão julgadora não caberá recursos.

★

Aldo Bonadei expôs no Museu de Arte Moderna cenários e figurinos para uma peça infantil de Cavalheiro Lima. A referida exposição despertou um enorme interêsse entre o nosso público, dada a originalidade de concepção do grande pintor que é Bonadei.

★

O Teatro Brasileiro de Comédia está apresentando, com um sucesso sem precedentes, a engraçadíssima peça de Barillet e Grédy: "Inimigos Íntimos". A direção está a cargo de Luciano Salce; os cenários são de Mauro Francini; e Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Elizabeth Henreid, Maurício Barroso, Célia Biar e Ruy Afonso estão nos principais papéis.

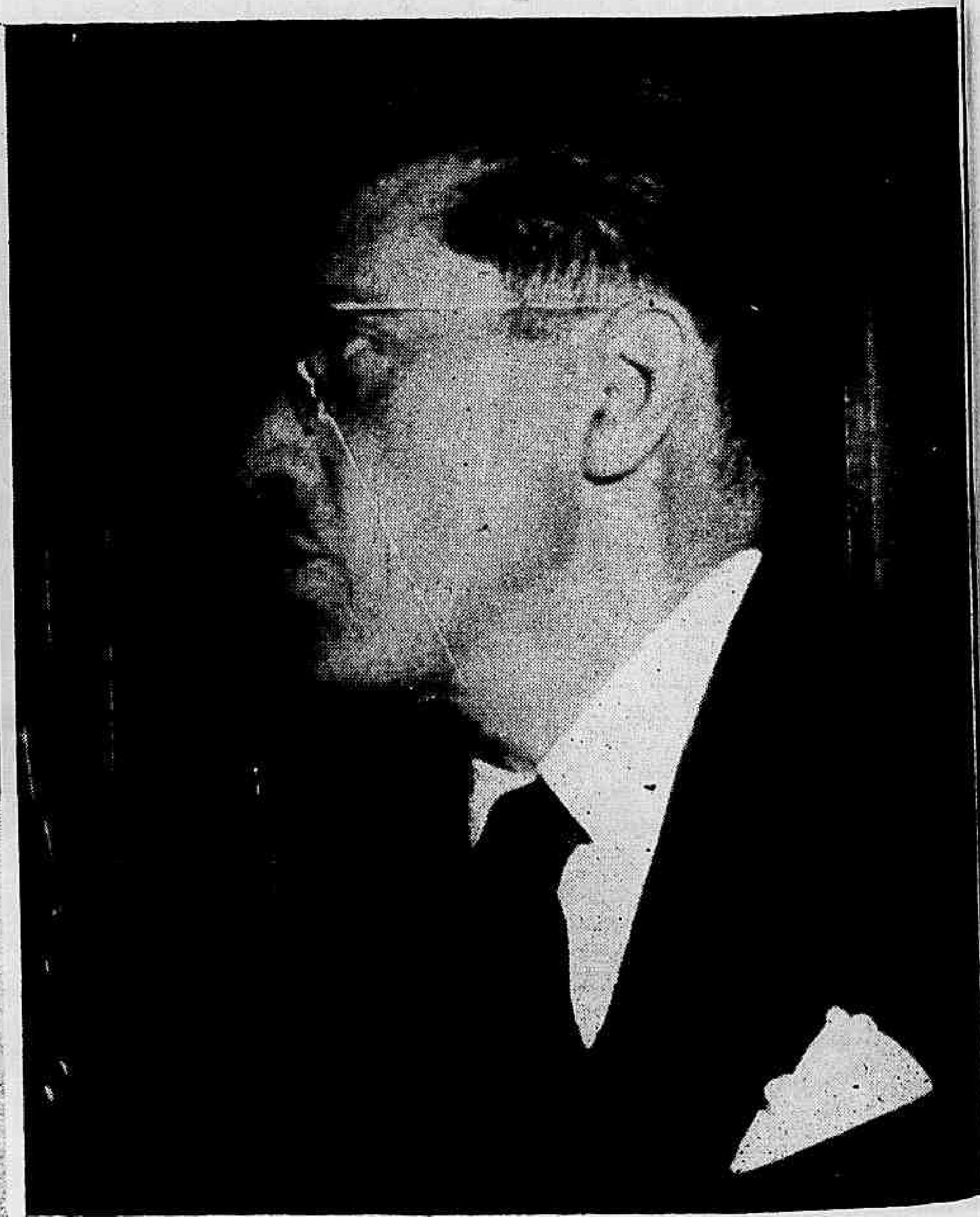




Getúlio Moura, deputado federal, advoga dramàticamente a causa de Olga Suely e seu irmão. A outra parte conta com o deputado Tenório.

Flores da Cunha: "Não estou aqui por dinheiro. Defendo uma mulher que lavou a sua honra". E o tribuno tocou a sensibilidade do Júri.





Romeiro Neto se firmou na coação moral irresistível para defender Olga Suely e também nas defesas do advogado Evandro Lins e Silva

Lins e Silva ali acusou. Brilhante, sua maior tarefa foi explicar, ao corpo de jurados, as citações que Romeiro fazia de Evandro, defensor.



Suely discretamente vestida, lenço entre as mãos, bôlsa preta, se manteve firme todo o tempo assim quando era acusada ou defendida. A outra foto é de seu irmão Manuel, durante os debates.



OUTRA VEZ 4 x 3

SENSAÇÃO NO JULGAMENTO DE OLGA SUELY — OS FATOS — COAÇÃO MORAL IRRESISTÍVEL

Fotos de ALBERTO FERREIRA





A assistência foi em grande parte feminina. E, pelas investigações que fizemos, a maioria torceu por Olga.

O Tribunal do Júri de Niterói, no dia 8 do corrente, viveu momentos de intenso sensacionalismo, com o julgamento de Olga Suely e de seu irmão Manuel Dantas. Tôdas as dependências do Palácio da Justiça da capital fluminense estavam superlotadas. Grande multidão de curiosos aguardava desde o amanhecer o importante júri. Os debates de acusação e de defesa foram acalorados e veementes. Os réus são acusados do duplo homicídio ocorrido no dia 28 de setembro de 1949, no interior da Delegacia de Duque de Caxias. Olga Suely namorara Alcir Vieira, a quem mais tarde acusara de a haver seduzido. Naquele dia fatídico encontravam-se na Delegacia Olga e seu irmão prestando esclarecimentos sôbre uma queixa apresentada pelo sr. Manuel Vieira, pai de Alcir. A denúncia girava em tôrno de uma ameaça à família Vieira, feita pelos Dantas, caso Alcir não reparasse o êrro cometido. Nesta ocasião, surge Alcir. Diante daquele que lhe havia roubado a honra e se obstinava em não querê-la mais, Olga Suely sacou do revólver disparando contra o seu ex-noivo. Porém os projéteis não acertaram o alvo, e atingiram o sr. Manuel Vieira,

Eva e a maçã. Aqui simboliza o seguinte: — a assistência se alimentava de qualquer maneira enquanto ia correndo a sorte de Olga Suely.



Êste flagrante que aqui estampamos documenta a multidão que se acumulou, dentro e fora do salão do Tribunal do Júri, para assistir aos debates.



O povo na rua, noite a dentro, sentado no meio-fio, aguardou a decisão do sensacional julgamento.



pai de Alcir, e o sr. Mário Mourão, genro daquele. Gravemente feridos, vieram a falecer no Hospital.

Acusados como autora e co-autor do assassinato, os dois irmão foram, no entanto, absolvidos no primeiro julgamento, por 4 votos contra 3. A acusação apelou para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio, que mandou os réus a novo julgamento. Funcionaram como advogados de acusação: Evandro Lins e Alci Amorim. Na defesa: Flores da Cunha, Romeiro Neto, Odemar Pacheco e Getúlio Moura. A sessão, iniciada às 12 horas e 5 minutos, prolongou-se até alta madrugada. A acusação se baseou nos fatos alegados. A defesa: em que a ré matou em legítima defesa de sua honra. O resultado do júri absolveu, já pela segunda vez, os réus por 4 votos contra 3.

Diante dêsse resultado proclama o sr. Evandro Lins: "Tal resultado fugiu às provas dos autos". Mas o sr. Getúlio Moura condena peremptòriamente um novo recurso, afirmando: "O novo recurso é uma verdadeira perseguição a essa desgraçada moça".

Há precisamente vinte anos o Juiz César Salamande não funcionava como presidente de uma sessão do Tribunal Popular do Júri. Mas o fêz bem.



Neste flagrante vemos Olga Suely e seu irmão Dantas, quando, após o Júri, procuravam abrir espaço com dificuldade para voltarem à casa de detenção.



Quando o Juiz anunciou a absolvição, Olga Suely, já se retirando no meio do povo que se comprimia nas dependências do Tribunal do Júri, esboçou êste sorriso.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES

MÓVEIS AVULSOS

TAPÊTES E PASSADEIRAS

agora, a PREÇOS DE ARRASAR!

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

CASA NUNES

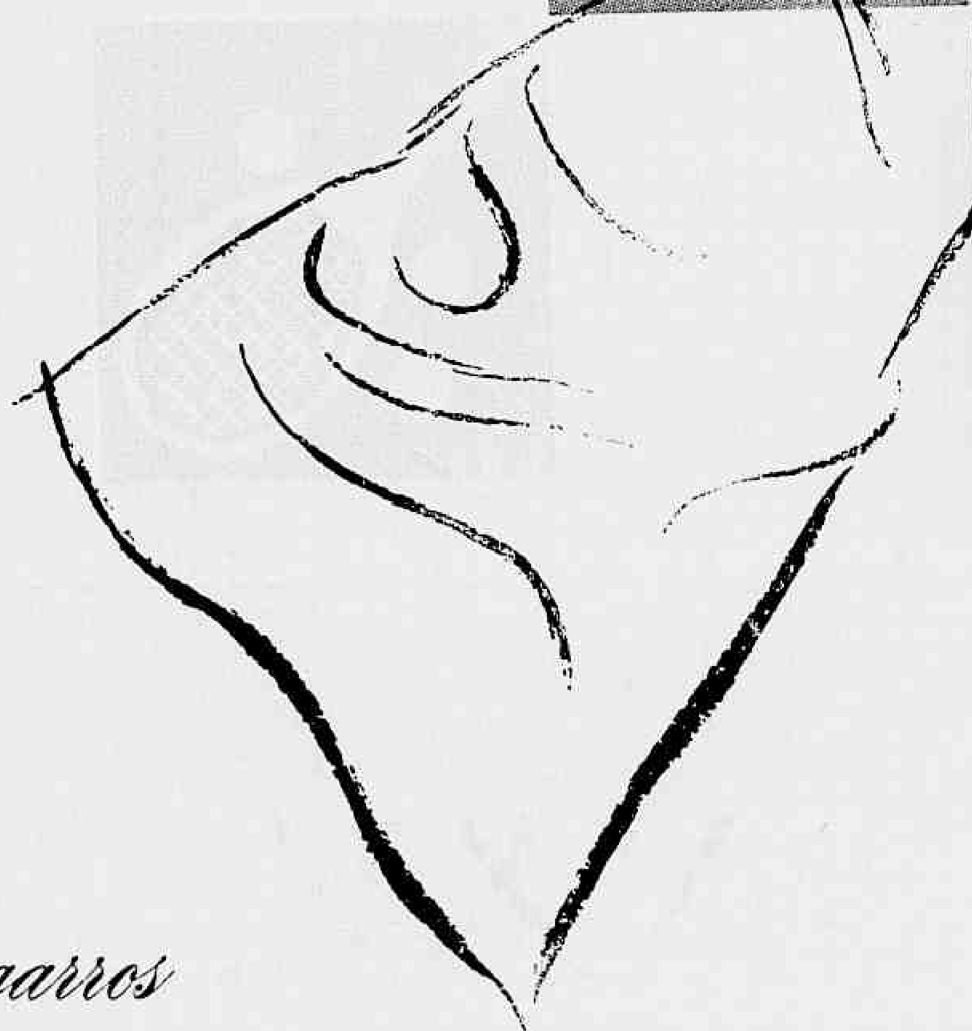
65, rua da CARIOCA, 67 - RIO







O prestígio ímpar
dos cigarros Hollywood
é o resultado
da consagração unânime
das pessoas
de bom gosto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.





cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

H-28.093

UM PRODUTO SOUZA CRUZ